

Analisando os quadros e as narrativas de historiadores sobre Leonardo da Vinci, Freud¹¹⁴ postula que a genialidade do artista, em vastas áreas do conhecimento, era proveniente da pulsão de saber que brotava por todos os sentidos, movida por uma paixão focada na ânsia de investigar, de tal forma constituída, que não deixava espaço para a afetividade fluir em outras direções, a não ser a do trabalho intelectual e artístico.

Freud sugere que o ardor para a investigação apresenta a mesma analogia com o ardor para amar, no sentido de que são buscas de processos primitivos inscritos na infância que criam formas de realizar um desejo, de obter um prazer ou de exercer uma fantasia.

A capacidade de sublimar é um dos aspectos criativos fundamentais da constituição subjetiva. Por meio dela, pode-se construir um objetivo, como, por exemplo, o profissional, deslocado da pulsão sexual.

O recalque produzido pelas exigências da civilização fica cada vez mais desvendado, produzindo uma noção melhor fundamentada de que, em geral, somos todos neuróticos, e a capacidade do fazer artístico se configura como um dos processos mais primitivos do desenvolvimento, porém como enigma ainda a ser desvendado.

¹¹⁴ Artigo "*Uma Lembrança Infantil de Leonardo da Vinci*" (1910).

Fantasia, amor e sexo

As fantasias vinculadas ao amor e ao sexo vão se tornando mais complexas e diferenciadas em função dos entendimentos provenientes daquilo que Freud chamou de psicologia do amor. A primeira contribuição (1910)¹¹⁵ destitui a fantasia do amor romântico de que haja uma completude que se concretiza por meio do encontro entre as duas partes envolvidas. A incompletude do objeto amoroso pode ser manifestada pela não realização das exigências eróticas. Retomando o modelo dos romances familiares e do complexo edípico, Freud estabelece que os objetos amorosos são fixados desde a mais tenra infância e revividos na puberdade. A masturbação púbere fixa as fantasias nas quais o adulto buscará concretizá-las na vida erótica posterior. Contudo, em seu período pré-púbere, o jovem nutre pela mãe uma ilusão, um sentimento de ternura que permanece protegido pelos desejos incestuosos, negando-se muitas vezes a aceitar que sua mãe possa realizar um ato sexual com seu pai.¹¹⁶

A fantasia originária do nascimento aparece como a expressão de afeto prototípica da ansiedade. A mãe aparece como a salvadora da criança diante do perigo do ato de

¹¹⁵ Artigo "Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I)"

¹¹⁶ NAT: Segue a história dessa descoberta por parte do autor da tese. *Certo dia, quando estava com cerca de sete anos de idade, alguns amigos reuniram-se no recreio das aulas. Um colega falou que descobrira que os homens colocavam o pênis na vagina das mulheres e saía um líquido que gerava um bebê. Eu, que não tinha plena certeza desse processo, encaixei todas as peças do quebra-cabeça, em alguns segundos, num insight que me aliviava, mas também decepcionava. Um colega que estava participando da conversa virou-se para o que revelara o mistério e disse: "Duvido de que a minha mãe faça isso com meu pai". O autor da revelação não se conteve: "você pensa que sua mãe não gosta, mas ela gosta efaz isso sempre com seu pai". O outro ficou vermelho, inchado, negando repetidamente, até que, por fim, começou a chorar dizendo: "não, ela não pode fazer isso!"* Essa passagem da infância ficou bem marcada na lembrança deste autor e a clareza dessa impressão veio à tona com a elaboração deste texto. Foi possível reconhecer a sensação ambivalente de alívio e decepção e, perceber no jovem colega, uma reação de desmoronamento, ao tomar conhecimento que sua mãe, assim como todas as outras, rompiam com o modelo amoroso e edípico de ternura e pureza que ele trazia dentro de si e a ruptura do ideal narcísico.

nascimento. Essa ansiedade do nascimento seria considerada por Otto Rank como a origem de todas as ansiedades posteriores. Essa questão ainda geraria muitas polêmicas que foram expressas mais tarde¹¹⁷ (1926[1925]).

A segunda contribuição (1912)¹¹⁸ reflete uma das questões mais vitais da existência humana e da constituição das fantasias. Freud aborda uma questão considerada universal que é a tendência à depreciação na esfera do amor. De forma mais clara, explica a distinção entre a corrente afetiva e a sensual¹¹⁹.

A corrente afetiva considerada como primária e vinculada à pulsão de autoconservação é carregada de erotismo por parte daqueles que cuidam do bebê. Freud usa a metáfora lúdica de que se trata de um brinquedo erótico. Diante das frustrações produzidas pelo princípio de realidade, a libido toma a direção da atividade imaginativa com o material produzido pela experiência de prazer vivenciado e se fixa nesses registros. Por meio do mecanismo de recalque (e da proibição do incesto), esses objetos primários se localizam no inconsciente como fantasias incestuosas e são substituídos por outros objetos que também se constituem como fantasias, só que admissíveis à consciência.

Partindo dessa premissa, as fantasias de amor e sexuais começam a ganhar contornos mais precisos. Freud parte do princípio de que a civilização, por sua renúncia aos objetos dessa satisfação primitiva, promove uma cisão entre a experiência primária amorosa e de cunho

¹¹⁷ Artigo "*Inibição, Sintoma e Angústia*".

¹¹⁸ Artigo "*Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II)*"

¹¹⁹NAT: O termo *sensual* tanto aparece na edição argentina da Amorrortu (2003:69) quanto na ESB (1969:186).

incestuoso e uma corrente erótica que passa a ser direcionada a objetos substitutos e disponíveis ao prazer, na medida em que escapam desse recalque primário. Surge a fórmula de quando se ama, não se deseja, e quando se deseja, não se pode amar.

Essa regra aparece como uma tendência universal, de depreciação do objeto sexual e seus representantes que, por seu caráter incestuoso, não podem se tornar objetos amorosos. A mãe/esposa e a mulher/prostituta, objetos tão presentes na clínica psicanalítica, são apresentadas como conflitos da impotência sexual do homem diante de sua esposa/mãe e da degradação amorosa da sua mulher/amante ou de uma prostituta. Esse tácito acordo é paradoxalmente conciliado como uma defesa inconsciente em função do cumprimento desses desejos mais proibidos. Tudo constituído em fantasias de amor, de desejo, do proibido e da culpa, em alguns casos.

O ato sexual pleno restringe-se, na maioria das vezes, como algo degradante e que tem de ser realizado escondido, protegido socialmente. Quando consumado é porque atravessou por alguma brecha do recalque. Obviamente, que toda essa formulação deve ser contextualizada em diversas culturas, e se apresenta como uma dissociação verificada na sociedade ocidental. E deixa como marca, para uma reflexão existencial, a impossibilidade de conciliar a pulsão sexual com a moral civilizada. Trata-se de uma insatisfação constitutiva do humano em sua condição social: a renúncia e o sofrimento.

Uma nova concepção do psiquismo: o fantasiar diante do princípio de realidade.

A relação entre o princípio do prazer, a realidade e a significação do mundo real externo passa a se constituir um foco de interesse para melhor compreensão do funcionamento psíquico. O princípio do prazer¹²⁰ inscreve-se como instrumento necessário a esse entendimento, somando-se à noção já conhecida do princípio do desprazer (1911).

O princípio da realidade passa a ser observado com especial importância para a constituição do psiquismo, diante das premissas de que a neurose visa à constituição de um afastamento do mundo real, por considerar a realidade¹²¹ insuportável. A condição de estar consciente, ou seja, da formação da consciência, essa parte do sistema dinâmico pouco expressada no texto freudiano, também emerge como um processo defensivo que o indivíduo cria por meio do encontro do primado prazer/desprazer inconsciente com o mundo externo ou com a realidade assim denominada. A consciência é uma criação do indivíduo visando à evitação do desprazer e à manutenção de um equilíbrio econômico possibilitadas pela constituição de um *eu-realidade*.

No texto de 1911¹²², os limites entre a consciência e o inconsciente como processo dinâmico da constituição do psiquismo aparecem, por vezes, de forma não precisas¹²³, mas

¹²⁰ Artigo "Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico"(1911).

¹²¹ NAT: O termo realidade sugere uma certa objetividade do mundo externo com a qual Freud mantém afinidade. Contudo, ao formular mais incisivamente a realidade psíquica como composta de fragmentos da realidade experienciada, vai ficando mais difícil de vislumbrar o que é uma realidade objetiva ou prática que seja independente ou desvinculada da leitura subjetiva de cada indivíduo. Na EA, o termo correspondente é *real-objetivo* (EA, 1911:224).

¹²² Artigo "Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico " (1911).

¹²³ NAT: Porque o "aparelho psíquico" se encontra diante de novos desafios teórico-clínicos em relação ao modelo até então proposto. Mais uma vez, observa-se, num dos textos mais importantes da psicanálise, a descrição de uma experiência calcada na clínica buscando encontrar uma teorização. Como um excesso pulsional visando a uma saída, Freud deixa seu conflito exposto obrigando seus leitores a pensar junto com

já indicam alguns dos pressupostos mais importantes do funcionamento psíquico, tanto do ponto de vista tópico, quanto dinâmico e, especialmente, econômico. Além disso, lançam ao leitor pesquisador um olhar investigativo para analisar qual é o estatuto originário da consciência, considerando-se que este se encontra apoiado no princípio do prazer/desprazer inconsciente que não possui a característica de estar consciente. Essa articulação teórica se trata de um objeto de investigação universal de vários estudiosos, dentro e fora - e transdisciplinarmente - do campo da psicanálise.

Essas formulações incluem alguns pontos básicos que vinculam a origem, a construção e o destino do psiquismo em relação ao processo prazer/desprazer com o princípio da realidade. A consciência¹²⁴ capta, primeiramente, as qualidades de prazer e desprazer inconscientes que são as do funcionamento mais primitivo do psiquismo. Depois, integra como decorrência alguns órgãos sensoriais a ela vinculados em sua relação com a realidade externa¹²⁵. O protótipo da atividade psíquica é a alucinação. Esta resulta de uma resposta

ele as incertezas de quem trilha um caminho desconhecido, quer seja no mundo externo ou no interno; ou talvez em ambos ao mesmo tempo, assim como um indivíduo diante de sua própria análise (nota do autor).

¹²⁴ "...as novas exigências nos obrigaram a uma série de adaptações do aparato psíquico que, por termos um conhecimento ainda insuficiente ou inseguro, somente podemos assinalá-lo de maneira bem sintética" (EA, 1911/2005:225)

¹²⁵ NAT: A licenciosidade do autor da tese em articular esse texto (Freud, 1911) com estudos de outros autores se justifica pela analogia da classificação dos instrumentos da consciência definidos por Freud com as funções psíquicas da consciência encontradas na obra de L. S. Vygotsky, que os acolhe como funções psíquicas elementares (não organizadas por meio da linguagem mediadora verbal) e as superiores (organizadas por meio da linguagem verbal). Outros pontos que merecem destaque da influência de Freud sobre Vygotsky são a teoria do brincar e a da criação, além do não localizacionismo anatômico do psiquismo (ou da mente). Vygotsky rechaçou a idéia de recalque por meio da sexualidade e faz uma crítica a Freud de "infantilismo" como se este excluísse a importância do conceito de ambiente e dos processos sócio-históricos na constituição do psiquismo. Contudo sua perspectiva sócio-histórica e de subjetividade criativa formulam, por meio da imaginação e da capacidade de fantasiar, as bases do funcionamento mental que fundam a neuropsicologia de Alexander Luria produzindo um modelo de organização funcional psíquica de alta plasticidade da mente humana. Mais recentemente, constata-se que autores tais como Oliver Sacks (*subjetividade e criação nos sintomas neurológicos*) e Mark Solms (*fundamentos para pensar a neuro-psicanálise*) encontram argumentos para suas teorias em Vygotsky (Sacks) e Luria (Sacks e Solms). Pode-se fazer uma inferência ao traçar uma historiografia semântica, onde não seria surpresa observar que o que separa Vygotsky, Luria e Sacks de Freud é a noção de recalque e de sexualidade entre outros objetos de seus respectivos estudos. Contudo a

necessária criada pelo bebê para poder rerepresentar o objeto do desejo que não comparece ou se oferece para suprir suas exigências internas. Freud considera a alucinação como uma forma primeva de pensamento e que se mantém inscrita no psiquismo por meio de resíduos mnêmicos, podendo ser observada nas psicoses e nos fragmentos dos pensamentos oníricos dos indivíduos. Depreende-se, pois que a alucinação é uma criação humana e, ao mesmo tempo, de cunho universal e singular. Universal, porque responde como uma defesa contra o desprazer presente em todos os bebês e singular, porque as formas alucinatórias, estando submetidas ao recalque, organizam-se distintamente. Esta é uma das questões que se indaga nesta tese: Qual o caráter originário dessa condição universal do pensamento humano? Por estar vinculada a uma exigência de auto-preservação acredita-se que haja alguma dimensão de ordem filogenética. A economia pulsional traz consigo os instrumentos que não somente buscam o prazer, mas também de se proteger da dissolução desse prazer sem fim. E o fim parece encerrar-se nela mesma. Por meio da alucinação, como uma fantasia primeva, constituída de marcas sensoriais primitivas ativadas diante das exigências internas, cria-se a defesa primordial. O termo defesa é compreendido muitas vezes como equivalente a sintoma, que, por sua vez, não deixa de ser, em última análise, uma criação também. A defesa, entretanto, pode tomar outros rumos que não os sintomas, mas os da sublimação. A criatividade pode se exercer como uma forma de defesa e parece que esta se encontra presente implicitamente na teoria freudiana pelas singularidades que sustentam o caráter alucinatório de cada indivíduo. As experiências de recalques na relação prazer/desprazer com o princípio da realidade estão constituídas por cargas afetivas de várias intensidades e

fantasia como estatuto basal não perde seu lugar na formação da consciência e vinculada com a experiência vivida.

diferentes qualidades, o que torna o conteúdo alucinatório completamente singular. Trata-se de uma experiência única de cada indivíduo e de todos os indivíduos, ao mesmo tempo.

Contudo a alucinação não é suficiente para preencher a demanda pulsional e a experiência de satisfação. O princípio de realidade emerge como constituinte do eu no psiquismo para poder representar essa realidade, mesmo que desagradável, tornando-se internamente o mecanismo pelo qual o indivíduo cria o mundo externo. E esse eu passa a mediar a relação do indivíduo com suas pulsões e a possibilidade de concretizá-las no mundo externo, criando uma nova realidade (Eu-realidade).

Diante das exigências produzidas pelo mundo externo, os órgãos sensoriais têm que se desenvolver criando mecanismos de proteção e estes estão vinculados à consciência. A alucinação, entretanto, não é capaz de suprir a satisfação esperada e o Eu-realidade passa a se constituir de elementos cada vez mais complexos. A função da *atenção*¹²⁶ desenvolve-se para encontrar no meio ambiente certas impressões sensórias, antes que estas possam afetar o indivíduo. Diante da necessidade de registrar essas impressões capturadas pela atenção desenvolveu-se a função da *memória*¹²⁷; ambas as funções possibilitam que o recalque se manifeste por meio de uma *passagem de julgamento imparcial*¹²⁸ que verifica idéias que possam se apresentar de acordo com a realidade inscrita na memória e decide sobre sua veracidade. A função de *ação*¹²⁹ comparece como resultante de uma descarga motora modificada diante da realidade, na medida em que, originalmente se apresentava como

¹²⁶ NAT: Grifo do autor para destacar as funções que se constituem a partir do princípio de realidade.

¹²⁷ NAT: Grifo do autor para destacar as funções que se constituem a partir do princípio de realidade.

¹²⁸ NAT: grifo de Freud na SEB (1911/1969:280) e traduzido como *fallo* imparcial na EA (1911/2005:226).

¹²⁹ NAT: Grifo do autor para destacar as funções que se constituem a partir do princípio de realidade.

mímica e manifestações de afeto. Também submetida ao recalque, a ação possibilita a criação do *pensar*¹³⁰ que se caracteriza pela capacidade de criar instrumentos que possam regular essas vias pulsionais. Contudo esse pensar, descrito por Freud, é uma forma de pensamento vinculada a fragmentos verbais que, talvez, possa ser descrito como *pensamento verbal*¹³¹ se constituindo da união de um pensar inconsciente formado por representações calcadas em impressões e relações de objetos não vinculados à palavra e esses resíduos verbais. Pode-se descrever um modelo hierárquico não esquematicamente explícito por Freud na seguinte seqüência ontogenética: percepção/pensar, atenção, memória, ação, pensamento/linguagem.

Do ponto de vista econômico, o psiquismo apresenta uma tendência à fixação a uma fonte de prazer que resiste fortemente a renunciar. Essa resistência diante do princípio da realidade cria uma cisão no pensamento e uma de suas atividades permanece vinculada ao princípio do prazer que é a fantasia ou, para seguir a mesma linha de argumentos, cria a capacidade de fantasiar. Sua origem se encontra no brincar infantil se transformando em devaneio, num período posterior com a característica de não mais prescindir de objetos reais.

Confrontado com a dificuldade de situar esse fantasiar como secundário sob o presente ponto de vista da psicologia genética, Freud acredita que ambas podem mesmo vir a se estabelecer ao mesmo tempo, sem que a consciência tenha tido possibilidade de percebê-la. A fixação da satisfação imaginária auto-erótica em relação ao objeto sexual, cria uma

¹³⁰ NAT: Grifo do autor para destacar as funções que se constituem a partir do princípio de realidade.

¹³¹ NAT: Grifo do autor deduzindo essa função de um processo de pensar secundário

tendência a retê-la, impedindo acesso à realidade e aos pensamentos racionais. Por um lado, o eu-prazer busca incessantemente o desejar, enquanto o eu-realidade se organiza em função de evitar danos, aspirando a benefícios. Observa-se a crença num fantasiar oposto ao pensar consciente, em que o princípio da realidade passa a proteger o princípio do prazer. Essa forma de organização endopsíquica constitui-se como um dos fundamentos do material necessário ao funcionamento do pensamento religioso. Trata-se da idéia de recompensa numa vida futura daquilo que se renúncia no presente sem contudo ser capaz de eliminar o princípio do prazer. A ciência se aproxima desse êxito ao produzir uma satisfação intelectual e tendo como um fim a promessa de um lucro prático (EA 1911/2005:228).

A educação também busca cumprir essas exigências do princípio de realidade em relação ao do prazer. A promessa está no amor dos educadores diante do esforço da renúncia do prazer e do desenvolvimento do eu-realidade. O encontro mais aproximado entre os dois princípios é possibilitado por meio da arte. Para Freud, o artista reluta em renunciar às exigências pulsionais em detrimento da realidade, permitindo-se mantê-los em liberdade na vida de fantasia. Por meio da arte, ele promove transformações na realidade que podem ser compartilhadas por outros, na medida em que se tratam de renúncias pulsionais a que todos estão submetidos e podem reencontrar o prazer por seu intermédio.

Os processos inconscientes constituem-se de uma realidade baseada no princípio do prazer com os quais tendem a interpretar a realidade externa e a projetar seus desejos. Com isso resistem a abandonar suas fantasias, as quais acabam por se confundir com as lembranças que se tornaram inconscientes. A fantasia que constitui o sintoma, por estar vinculada ao

princípio do prazer, não pode ser considerada como desprovida de realidade. Trata-se de uma produção imaginária vinculada às experiências de satisfação que um dia foram recalçadas.

A fantasia e a frustração (ou denegação)¹³²

O que desencadeia uma neurose ?

Pelo direcionamento da libido se pode constatar uma direção para a saúde ou para uma doença nervosa. A disposição neurótica é constituída de fatores presentes na história do desenvolvimento libidinal da primeira infância com a participação de variações inatas da constituição sexual e das influências exercidas pelo mundo externo.

A atitude do sujeito diante da frustração produz formas distintas de organização psíquica. Diante do tema das imposições que a civilização impõe aos indivíduos levando-os a uma série de renúncias pulsionais frente ao mundo real, tornam-se possíveis dois destinos: resolver essa tensão psíquica investindo com todas as forças no mundo externo e conseguindo satisfazê-la por meio da sublimação da libido direcionando-a a objetivos não eróticos e que escapam da frustração. Contudo, as respostas diante da frustração encontram outras variáveis em função de fatores potenciais presentes em cada indivíduo. Um dos caminhos leva a vida de fantasia como um processo de regressão até o material infantil gerador de prazer produzindo novos desejos. O outro indica o caminho progressivo que gera a formação do sintoma, na medida em que o conflito com a frustração tem de ser

¹³²

NAT: Frustração na ESB e frustração e denegação na EA (*versagung*)

resolvido como um embate entre a pulsão e a realidade. Fantasiar e formar sintomas se situam, neste momento, como direções opostas da libido. A concepção pode ser assim definida: ou se fantasia ou se produz sintoma, sendo que ambos representam satisfações substitutas.

Outras predisposições também são analisadas como as tentativas feitas por indivíduos em encontrar meios de satisfação na realidade, mas em virtude desta pressão excessiva ou pela baixa capacidade interna de enfrentar esses desafios, acabam por adoecer. Quando a pressão externa é muito grande e o indivíduo é incapaz de renunciar à satisfação, ele se mantém com uma estrutura inflexível que não anula sua libido devido a uma incapacidade de resistência (provavelmente firmada por meio de uma fixação) e com uma defesa implacável diante das exigências do meio externo. Por outro lado, a fragilidade do indivíduo diante do mundo torna-se um impedimento para efetuar tal modificação. Esta constatação leva Freud a afirmar que: "vemos as pessoas caírem enfermas tão freqüentemente quando se resignam frente a um ideal como quando buscam atingi-lo" (EA 1912/2005:242). Outro caso, ainda, apresenta-se quando o indivíduo encontra-se tão vinculado às fixações da infância que não consegue superar as dificuldades da vida, em virtude de um infantilismo. A questão econômica da quantidade de libido represada também é um dos fatores precipitadores das doenças, quando o Eu não consegue ser capaz de cumprir sua função de manutenção do equilíbrio pulsional ou de encontrar outra saída para tal quantidade. Trata-se de um conflito entre a libido e o Eu e que pode ocorrer em múltiplas condições, quando o Eu possa encontrar-se mais debilitado, não sendo capaz de suportar essa força interna.

Essas relações do indivíduo diante da frustração não devem ser compreendidas como excludentes umas das outras. Muito ao contrário, encontram-se presente sob formas combinadas. A psicanálise, nesse momento de reflexão, já pode considerar que se deve abandonar as idéias que contrapõem fatores externos e internos, entre a experiência e a constituição, numa clara alusão sobre a complexidade que envolve a tentativa de manter separados tão distintamente essas duas concepções de mundo. Ao mesmo tempo, coloca em xeque a idéia de uma realidade externa independente (1912)¹³³; tema que ocupou Freud até o fim da vida.

A masturbação infantil é incluída como um desses mecanismos no qual se mantêm presentificadas a satisfação experienciada de prazer da infância e é acompanhada pela fantasia. Tem início no auto-erotismo do bebê e segue se transformando, a partir desse primeiro momento, nas fases da infância e da puberdade. Freud afirmava¹³⁴ que a masturbação se coloca como fantasia a meio caminho entre o princípio de realidade e o princípio do prazer. A masturbação é uma realizadora da fantasia e, possivelmente, é constituída pela "fixação de objetivos sexuais infantis e a persistência de um infantilismo psíquico" (EA 2005/1912:261).

O Inconsciente, gradualmente, passa a se constituir cada vez mais do ponto de vista dinâmico e descritivo, importando na presente pesquisa o fato de Freud querer deixar bem patente que o inconsciente não se trata de uma consciência inconsciente, mas é o resultado de uma série de operações realizadas (no) e produzidas pelo psiquismo diante do recalque.

¹³³ Artigo "Tipos de desencadeamento da neurose" (1912)

¹³⁴ Artigo "Contribuições para um debate sobre a masturbação" (1912)

As fantasias inconscientes dos histéricos apontam a intensidade de sua força no sentido de produzir sintomas. O psiquismo inicial é inconsciente e pode manter-se assim ou avançar até a consciência, em função do encontro com as resistências. Com o surgimento desta última diferenciam-se os pensamentos que podem aparecer na consciência (pré-consciente) e os que não podem surgir (inconscientes).

A estrutura da psicanálise repousa sobre um fundamento básico que é o recalque. A resistência e a transferência são dois processos que se presentificam durante o caminho da resolução do sintoma.

Contudo, se, num primeiro momento, era o trauma e, num segundo, a fantasia, Freud passa a estabelecer que tanto as lembranças podem tratar-se de fantasias quanto de fatos realmente acontecidos na infância. Mais ainda, podem também se constituir de um misto de situações verdadeiras com elementos falsificáveis. Todo esse complexo de possibilidades que o indivíduo recorda traz consigo um emaranhado de fantasias que necessitam ser decifradas com muito cuidado. A fantasia que sustenta a fixação da libido pode estar calcada tanto num trauma realmente acontecido, quanto numa elaboração imaginária. Contudo, para o indivíduo o que realmente importa, em princípio, é que a sua realidade psíquica é aquela que o afeta e que tem estatuto de verdade para ele próprio.

Fantasias Primordiais

Diante da repetição de certas fantasias que se apresentam regularmente na clínica psicanalítica, Freud passa a postular a idéia das fantasias primordiais¹³⁵. A geração dessas fantasias de mesmo conteúdo levam-no a considerar que suas raízes repousam num acervo filogenético, em virtude do caráter de sua universalidade. São consideradas como primordiais as fantasias da cena primária, da sedução e da castração.

As constatações que levam a supor que essas fantasias possuem realidade psíquica são as descritas em análise, tais como a observação do coito dos pais, a sedução por um adulto e a ameaça de ser castrado. Sua atividade pulsional apresenta características de conteúdo semelhantes em todos os indivíduos e sua origem filogenética encontra-se nas experiências vividas pelos ancestrais, que as crianças buscam preencher em suas "verdades individuais com a verdade pré-histórica" (EA 1916/2005:338).

De um ponto de vista dinâmico, em relação à formação dos sintomas, pode-se dizer que as fantasias nunca desaparecem pois estão aderidas na relação da libido com certas posições de seu desenvolvimento. Quando o indivíduo se depara com situações de frustrações ou de impedimentos a sua satisfação, sua libido tende a regredir, a retornar até as posições abandonadas nas quais obteve gratificação e que são revestidas pela fantasia. As fantasias parciais, vinculadas à satisfação em certos objetos não desaparecem, deixam seus registros

¹³⁵ Conferência XXIII: *Os caminhos na formação dos sintomas* (EA 1916/2005:338) e (SEB 1916/1969:372). NAT: Adotou-se no texto a proposta da EA "fantasias primordiais". Na SEB o termo designado é "fantasias primitivas", mas como o termo "primitivo" aparece ao longo de outras noções, decidiu-se pela tradução argentina.

mnêmicos inscritos no inconsciente, tornam-se parte das posteriores ou são substituídas por outras. A fantasia cumpre um papel de conter a libido num sentido análogo ao homeostático. Numa visão econômica, a pressão tem um efeito decisivo no controle dessa libido. Torna-se necessário encontrar um escoadouro para sua força pulsional. Na luta contra o Eu, retorna para o inconsciente na condição de fantasias inconscientes até seus pontos de fixação.

Freud descreve que o caminho regressivo da libido para a fantasia deve ser designado como uma introversão. Essa retração é um estágio intermediário no caminho da formação dos sintomas (EA 1916/2005:340).

A questão quantitativa passa a representar um papel relevante na constituição do psiquismo para além da dimensão dinâmica até então concebida como primordial. A quota de libido que um indivíduo pode suportar e a capacidade para encontrar saídas para diferentes intensidades originárias da via sexual e dirigidas para a sublimada, torna-se foco de maior atenção em Freud. A dimensão qualitativa passa a se ocupar com a busca do prazer e a evitação do desprazer e a quantitativa com a manutenção das quantidades de excitação buscando conter seu acúmulo (que gera desprazer) no psiquismo.

Fantasias primordiais e filogênese

Na análise do "Homem dos lobos" (1918[1914]), Freud encontra-se diante de impasses produzidos pelas resistências encontradas para elaborar resíduos de uma infância muito primitiva e que não se constituem como lembranças, mas sim como fragmentos da história

do indivíduo. Frente a essa dificuldade, se depara com certos conteúdos que lhe parecem universais e que, no caso analisado, se apresenta na cena do sonho com os lobos. Para as dificuldades de elaboração do que não contém elementos recordados, cumpre ao analista construí-las em análise. Essas construções se deparam com novas fantasias que são as do próprio analista em busca de produzir significação em seu analisando.

Entretanto, as fantasias primordiais passam a merecer uma atenção mais cuidadosa de Freud.

Parece-lhe que seus conteúdos se aproximam de esquemas previsíveis produzindo em todos os indivíduos as fantasias da cena primária, castração e sedução. Na condição de universais e diante do impasse de vê-las sendo construídas por seus pacientes, independentemente de considerá-las como fantasia ou realmente vivenciadas, estabelece que só há uma compreensão possível para tal: as fantasias primordiais constituem-se como herança filogenética. Dentro de um contexto geral, essas fantasias são constituídas na ontogênese, mas caso essa falhe, a filogênese se impõe, produzindo, imaginariamente, os elementos que não se constituíram no psiquismo do indivíduo. Esse é, sem dúvida, um dos marcos mais importantes para compreender a origem de certo grupo de fantasias, a saber, as primordiais. Trata-se de uma questão tão fundamental que Freud (ibid) chega a afirmar sê-la a mais delicada em todo o domínio da psicanálise.

Dentre as primordiais, mais uma fantasia se apresenta, apesar de não ter sido descrita com tantos detalhes e cuidados quanto às outras três anteriormente apresentadas e freqüentemente discutidas ao longo desta tese. Trata-se da protofantasia que pode ser

compreendida como a fantasia de nascimento ou a de retornar ao útero materno. Elas são discutidas ao longo do texto sobre o Homem dos Lobos e reaparecem no texto sobre O Estranho (1919). Contudo não merece maiores considerações ao longo da obra e que possa ser equivalente às outras primordiais já apresentadas e discutidas.

O complexo de Édipo faz parte dessa herança e a forma como se dá essa transmissão pela via filogenética é abordada no terceiro capítulo dessa tese. A construção do psiquismo por meio do brincar é abordada a seguir.

2 A FANTASIA NO INFANTIL DO ADULTO E EM DOIS TEMPOS DO BRINCAR: CRIAÇÃO E DEFESA

"Passado, presente e futuro são como as contas de um colar encadeado pelo desejo"

(Freud 1907)

A importância do brincar na constituição do psiquismo é uma das contribuições mais importantes da teoria freudiana presente em outros autores¹³⁶ da psicanálise e influenciando decisivamente estudiosos de campos diversos.¹³⁷

A descobertas da sexualidade infantil abriu portas muito extensas para que se pudesse pensar toda a gama de construções que a criança realiza desde a mais tenra infância, ainda em seus primeiros momentos de vida, até a manutenção desse estado infantil no psiquismo adulto sob uma forma inconsciente e constituído pelo conteúdo imaginário denominado de fantasia. A psicanálise descobriu que a vida psíquica dos adultos tem sua origem na infância, o que levou Freud a reafirmar a máxima de que a criança é o pai do homem (1913).¹³⁸

A noção de desenvolvimento se inscreve na constituição do psiquismo e revela importância decisiva para compreender a construção dos processos constituintes da

¹³⁶ Melanie Klein, D.W. Winnicott, Françoise Dolto, Maud Mannoni, Jean Bergès, Bruno Betelheim

¹³⁷ L.S. Vygotsky, Jean Piaget, Henri Wallon

¹³⁸ D- *O interesse da psicanálise de um ponto de vista de desenvolvimento*

infância. A idéia de uma ontogenia que repete a filogenia serve como um paradigma essencial dessa constituição do humano.

O brincar infantil é percebido por Freud como o processo que organiza a percepção da realidade por meio da realidade psíquica.

Considera-se necessário situar a raiz do conceito *brincar* que, na língua portuguesa, apresenta um significado particularizado em relação ao seu mesmo uso em outras línguas. Em português, diferenciam-se os termos *brincar* e *jogar*, enquanto em alemão (*spielen*), em inglês (*to play*), em francês (*jouer*) e em espanhol (*jugar*) o mesmo termo pode ser traduzido tanto como brincar quanto jogar (FERREIRA, 2000:11). Nessa escolha sobre a tradução do termo *brincar* para a língua portuguesa optou-se por designar *brincar* quando relacionado à atividade lúdica que se caracteriza pela função imaginária dos jogos de faz-de-conta, individuais ou coletivos; e *jogar* quando o termo se refere a alguma forma de competição ou exercícios motores de cunho representativo.

As primeiras abordagens sobre a importância do brincar têm seu início no ensaio (1905)¹³⁹ sobre a sexualidade infantil. Nesse texto, Freud descreve o prazer que as crianças sentem nos jogos infantis que remetem a experiências prazerosas de satisfação quando vivenciam (consigo mesmas ou com os outros) os movimentos mecânicos de balançar e serem jogadas para cima. Esse prazer pelo movimento se desdobra na percepção do ato de ninar e nas brincadeiras de faz de conta, sendo que

¹³⁹ Artigo "*Três Ensaio para uma Teoria da Sexualidade a sexualidade infantil*".

nesta última a fantasia já comparece de forma representativa (imitar algo ou alguém). Dentro desse contexto geral, o jogo é considerado como uma atividade sexual.

Um aspecto muito importante ressaltado no texto citado é que essas experiências fantasiadas pelas brincadeiras motoras que são vivenciadas de forma prazerosa pelas crianças podem causar imenso desprazer nos adultos. Freud compreende que tonturas, náuseas e ansiedades se manifestam em função da repressão desse prazer infantil. Alguns sintomas como a agorafobia e alterações da marcha podem estar relacionados à repressão ao qual é submetido o prazer sexual do movimento. Enfim, Freud inaugura a relação entre brincar, prazer, sexualidade, repressão, fantasia e psiquismo na criança e a sua manifestação como condição lúdica inconsciente no infantil do adulto. Abrem-se as portas para a compreensão da origem do psiquismo e sua relação com o brincar, como constituídos e constituintes da fantasia e a base sobre a qual repousa o inconsciente, pois este olhar esclarece e inaugura o trabalho psicanalítico infantil e revela a trilha para o trabalho clínico com adultos.

Fantasia, Criação e Devaneios

*Escritores criativos e seus devaneios*¹⁴⁰ (1908[1907]) é o primeiro artigo dedicado exclusivamente ao papel da criação, do brincar e da fantasia. Sobre a criação dos escritores criativos e dos poetas, Freud apresenta duas questões. A primeira trata de como

¹⁴⁰ NAT: No original *Der Dichter und das Phantasieren* ((1906[1909/1999]) teve sua tradução para o inglês como "Creative writers and day dreaming". A tradução espanhola de Ballesteros traduziu como "Creación poética y fantasia" e a argentina Amorrotu por "El criador literário y el fantasio". A tradução francesa "La création littéraire et le revê éveillé". A tradução da SEB é "Escritores criativos e seus devaneios" (Nota de Marialzira Perestrello in Correspondência Sigmund Freud e Sandor Ferenczi 1908-1911 (1994)

o escritor afeta o leitor, despertando emoções das quais este não seria capaz de supô-las dentro de si; a segunda é que não é suficiente estudar e compreender o papel da literatura e/ou de outras artes, para se tornar um escritor criativo. O criador não pode explicar como e porquê cria. Ele simplesmente o faz. Essa analogia da capacidade criativa pode ser estendida a profissionais de outras áreas (esporte, ciência etc) que produzem uma nova estética, rompem parâmetros já estabelecidos e criam novas formas de ser e agir. Pode-se estabelecer uma dimensão da criação para além dos escritores e pensar numa ampla compreensão da função da arte na constituição do psiquismo humano. E Freud, nesse texto, por meio da literatura, busca atingir outros patamares da esfera psíquica. Com o infantil novamente presente em seus arca-bouços da constituição psíquica, apresenta um estudo sobre o papel do brincar e da fantasia, de extrema importância para a psicanálise, a psicologia e muitas outras áreas da educação e da clínica, de crianças e de adultos.

De onde vem o material criativo? Esta parece ser uma pergunta que insiste e persiste por toda a obra freudiana e, pelas de outros autores também. Trata-se, pode-se assim dizer, de uma indagação universal.

Torna-se necessário esclarecer que sob a denominação "escritores criativos" Freud reúne aqueles que conseguem produzir uma obra literária que alcance a expressão da complexidade do psiquismo humano em sua dimensão tragicômica presente em todos nós. De certa forma, a capacidade criativa é possível a todos. Nas nossas profundezas, somos todos poetas.

O Papel do Brincar

O brincar surge como o protótipo da capacidade criativa. Especialmente, nos elementos que constituem a sua atividade potencial do fazer poético¹⁴¹. E aquilo do que mais se ocupa a criança é o brincar¹⁴². Durante o ato de brincar, a criança não estaria se comportando como um poeta, na medida em que cria seu mundo próprio, melhor dizendo, não estaria introduzindo elementos de seu próprio mundo em uma nova organização criativa, de forma a obter maior prazer?

Contra-pondo-se ao senso comum em considerar como algo não sério, Freud propõe que o brinquedo/jogo¹⁴³ infantil seja extremamente sério e carregado de afeto. Se há algo a se contrapor na atividade criativa do jogo, não se trata da seriedade, mas sim da realidade efetiva¹⁴⁴.

Um dos pontos determinantes nessa contribuição teórica consiste em Freud afirmar que no brincar a criança diferencia claramente a brincadeira da realidade, utilizando elementos (objetos palpáveis e situações visíveis) de seu meio ambiente (o mundo real), mesmo com toda a carga afetiva que envolve sua atividade lúdica. É precisamente essa capacidade que diferencia o brincar do fantasiar.

¹⁴¹ NAT: O termo "*fazerpoético*" é a tradução da edição EA (1908[1907] 2003:127) enquanto na SEB encontra-se "*atividade imaginativa*" (1908[1907] 1976:149).

¹⁴² NAT: "jugar"naEA

¹⁴³ NAT: "brinquedo e jogo" na SEB e "jogo" na EA

¹⁴⁴NAT: "realidade efetiva" (1908[1907]) 2003:127) na EA e "real" (1908[1907]) 1976:149) na SEB.

Aqui, colocam-se três dimensões do psiquismo: a criação do brincar, o mundo real e o fantasiar. Quais os desdobramentos dessa diferenciação?

Freud sugere que o poeta ou o escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca ou joga, ou seja, cria um mundo de fantasia levado a sério, investido de afeto e separado da realidade "efetiva"¹⁴⁵.

Sobre a função e o papel da fantasia, Freud disse que ambos, poeta e criança, constroem seus mundos a partir da fantasia, sabendo, entretanto, diferenciá-la de uma realidade efetiva, embora retirem os conteúdos de sua fantasia dessa mesma realidade constituída por objetos palpáveis e situações vivenciadas.

Sobre a significação em língua alemã da relação entre "jogar" e "criação", Freud nos aponta que a linguagem estabelece esse vínculo de forma muito interessante, por exemplo: "*Lustspiel*" que é a "comédia", pode ser traduzido literalmente como "jogo de prazer"; "*Trauerspiel*" que é a tragédia, como "jogo de duelo" e "*Schauspieler*" que é ator dramático como "o que joga o espetáculo". ((1908[1907])2003:128). O sufixo "*Spiel*"¹⁴⁶ significajogos.

¹⁴⁵ NAT: *Efetiva (EA)* é acrescentado ao termo realidade na SEB.

¹⁴⁶ NAT: Na SEB "*Spiel*" significa "peça, forma literária necessariamente ligada a objetos tangíveis e que pode ser representada. (1908 [1907]) 1976:150); "*Spiel*" na AE, significa as encenações do poeta que necessitam sustentar-se em objetos palpáveis e são suscetíveis de figuração.((1908[1907]) 2003:128).

A irrealidade do mundo do poeta/escritor tem um papel relevante para a criação artística. Criando um jogo de fantasia, o poeta/escritor pode afetar seus espectadores gerando prazer e muitas excitações, mesmo aquelas bastante dolorosas. Essas mesmas situações não causariam prazer se fossem reais.

Nessa mesma oposição entre realidade efetiva e brincar Freud assinala os esforços que, durante o crescimento, na passagem da infância para a vida adulta têm de ser feitos para encarar a vida com seriedade. Contudo a capacidade de brincar não desaparece e pode ser revivida como estratégia pelo adulto para suportar o peso imposto pela vida, suspendendo essa oposição sob forma de lembranças e, também, por meio do humor como via de acesso ao prazer - resquício das atividades lúdicas infantis.

Em princípio, o brincar causa prazer. O adulto se vê diante de abandonar este prazer para encarar as situações cotidianas. Mas, onde fica este prazer que, se foi experimentado, tem um registro mnêmico na vida psíquica a que não se pode renunciar? O que se pode fazer é trocar um por outro. O que aparenta um ato de renúncia transforma-se, assim, num substituto.

Seguindo esta linha de raciocínio inicial de que não se renuncia ao prazer e que um substituto se faz necessário para dar conta desta satisfação, a criança, ao ir abandonando os objetos do seu brincar, não pára, na verdade, de brincar. Os brinquedos são abandonados, mas o brincar se transforma no mundo dos castelos no ar, ou seja, em

fantasia. Mas, aqui, fantasia assume outro aspecto. Trata-se de um mecanismo presente na grande maioria das pessoas que pode ser chamada de devaneios/sonhos diurnos¹⁴⁷.

Comparando o fantasiar com o brincar, Freud assinala que, enquanto o brincar infantil é uma atividade que a criança pode realizar sozinha ou com outros companheiros, sem se preocupar se está sendo vista, ou não, brincando, o fantasiar adulto tem como característica principal, o fato de não ser revelado. O sujeito fantasia seu conteúdo, sem revelá-lo, por se sentir envergonhado por este, sendo capaz de expor publicamente mais as suas falhas do que seus devaneios. Assim como o brincar para a criança, o adulto cultiva sua fantasia como algo íntimo e profundamente valioso. Em virtude da não expressão da fantasia, o adulto crê que seu conteúdo seja único e que outros não compartilham desse tipo de pensamento.

Relacionando brincar, fantasiar e desejo, Freud retoma a questão do que está oculto e do que está explícito, ou seja, a criança busca no brincar o desejo de ser *grande e adulto*, construindo no seu faz-de-conta aquilo que lhe é familiar no mundo dos mais velhos. E não esconde esse desejo. O adulto, como descrito acima, não revela sua fantasia. Por um lado, há uma sociedade que exige que se comporte sem brincadeiras e fantasias e de acordo com as exigências do mundo real. Por outro lado, e bem mais importante do ponto de vista da constituição do psiquismo, entre os elementos dos quais se constituem suas fantasias, muitos têm que ficar escondidos, não revelados e ocultados. Conseqüentemente,

¹⁴⁷NAT: *Devaneios* é a tradução da SEB e *sonhos diurnos* da EA. Estes termos são traduzidos dessa forma em toda a obra freudiana a partir desse texto. Como o termo *devaneio* encontra-se mais presente nos textos psicanalíticos em português, optou-se por mantê-lo nesta tese.

compreende-se que o cerne dessas fantasias dos adultos é sempre infantil e, por meio da vergonha, proibido. (1908 [1907] EA 2003:129).

O que possibilita desvendar essas fantasias nos adultos é a necessidade¹⁴⁸ que eles têm de resolver seus conflitos neuróticos, vendo-se obrigados a elucidá-los por meio do tratamento psíquico.

Uma das compreensões mais importantes sobre o mecanismo das fantasias é a sua dimensão temporal. Freud demonstra toda uma relação da fantasia com o passado, o presente e o futuro. Essa lógica temporal estabelece uma conexão profunda do sujeito que fantasia com o tempo; tempo que se funde num complexo de impressões que se aglutinam por meio do desejo.

O sujeito que fantasia - devaneio e castelos no ar - é afetado pelos elementos da experiência vivida que vai deixando impressas as marcas temporais. A fantasia, como devaneio, vai se modificando de acordo com a passagem do tempo na história de cada sujeito.

A construção dos três momentos temporais por onde oscila nossas representações do fantasiar (devanear) são caracterizadas da seguinte forma: pelo motivo atual que provoca o despertar do desejo; pela lembrança que remonta à memória mais primitiva - geralmente as infantis - donde este desejo se viu gratificado e, pela projeção para o futuro da representação dessa realização. Nas palavras de Freud: "*Vale dizer, passado,*

¹⁴⁸ NAT: Em ambas as traduções, EA e SEB, o termo é *necessidade*.

presente e futuro são como as contas de um colar encadeado pelo desejo" (1908 [1907] EA 2003:130).

Quando as fantasias se proliferam muito e se tornam hiperpotentes para o indivíduo, criam uma sólida base para as formações neuróticas e psicóticas, tornando-se os estados preliminares imediatos e penosos dos sintomas de que os pacientes mais se queixam. Este é um ponto considerado desviante do fantasiar que é o gerador de "patologias" (1908[1907] EA 2003:131).

Freud descreve, então, a conexão entre os sonhos e o fantasiar/devanear. Segundo afirma, a sabedoria da língua, no seu caso a germânica, designa o devanear/sonhos diurnos (*Tagtraum*) como o referente aos castelos no ar dos fantasiadores, enquanto o sonho propriamente dito (*Traum*) é uma produção equivalente, podendo ser revelado mediante sua interpretação, via psicanálise. Os sonhos não são outra coisa do que os próprios devaneios, contudo mais obscuros, porque submetidos à repressão e tornados inconscientes. Como foi investigado na *Interpretação dos Sonhos*, a distorção a que estão submetidos os sonhos são produtos da desfiguração onírica. Tanto os sonhos, quanto os devaneios - essas fantasias diurnas que cada um de nós conhece muito bem - são realizações de desejo.

Articulando o devaneio com a criação literária, Freud reconhece o Eu, como o personagem central, o herói dos romances, que sobrevive a todas dificuldades por que passa. No caso dos personagens que encarnam os "bons" e os "maus", encontram-se aqueles que estão do lado do Eu e contra ele. A criatividade do escritor em construir

vários personagens na trama de um romance expressa a sua capacidade de observar o fracionamento de seu próprio Eu e de personificar as diferentes forças conflitantes que nele agem.

Os três tempos do desejo presentes na fantasia também se articulam na construção poética¹⁴⁹, na medida em que se supõe o autor ser despertado para uma ou várias situações temáticas que brotam provenientes das suas lembranças passadas, geralmente de raízes infantis, da qual arranca o desejo que busca sua satisfação dentro da criação poética. Dessa forma, não seria demasiado requerer que a criatividade dos escritores ou a criação poética, constituídas na base das lembranças infantis, não sejam mais do que produções comuns as do devaneio, ou seja, "continuação e substituto dos antigos jogos infantis"¹⁵⁰. (2003:134).

Dentro do conjunto de lembranças infantis provenientes do brincar ou dos jogos simbólicos, há que se considerar o papel desempenhado pela transmissão, organização e função imaginária dos mitos, lendas e contos de fadas. Sobre os mitos, Freud pensa, nesse momento de sua obra, "serem vestígios distorcidos de fantasias plenas de desejos de nações inteiras, os sonhos seculares da humanidade jovem" (1908[1907] SEB 1976:157).

¹⁴⁹NAT: Vale uma ressalva importante. Na tradução AE, o termo *escritor criativo* da ESB, aparece como *poeta*. E, também, usa-se mais indiscriminadamente os termos poesia, narrativa, romances e novelas.

¹⁵⁰ NAT: Jogos Infantis e brincar infantil, nesse artigo, diz respeito à atividade lúdica inserida na construção do universo simbólico característico do faz-de-conta. Os jogos muito primitivos do bebê com seu ambiente não estão representados e apreciados no referido texto. Contudo, pode-se pensar que o simbolismo se constitui sobre uma vivência primeva infantil, mais exatamente sensório-motora e desprovida de representação, que Freud viria a considerar posteriormente.

O psiquismo humano é fortemente influenciado pelo simbolismo das tradições e por isso também se apresenta nos sonhos (1916)¹⁵¹ sob uma forma inconsciente. A origem de tais tradições é transmitida por meio dos contos de fadas, das lendas, dos mitos, anedotas, das músicas, dos filmes e diversas outras fontes de produção cultural que são, muitas vezes, internalizadas inconscientemente. Esse reconhecimento do simbolismo na constituição da vida psíquica aponta para a importância das produções culturais no imaginário do indivíduo.¹⁵²

E como o poeta ou o escritor consegue afetar o leitor ou o espectador com sua criação?

Ao falar de sentimentos que estão presentes em todos nós e que se fossem revelados em aberto causariam repulsa ou frieza, o poeta utiliza-se de uma estética, que Freud chama de *ars poética*, cuja arte secreta se insere e é capaz de produzir prazer trabalhando com os mesmos elementos comuns do devaneio. Afirma ser um lugar de ficção que gera distanciamento estratégico das fantasias dos espectadores (proteção/defesa) e, ao mesmo tempo, revela algo que, de alguma forma, o indivíduo se identifica e se conforta, por reconhecer-se pertencente a essa dimensão tragicômica da condição humana.

O prazer do espectador é denominado por Freud de "prêmio de estímulo" ou de "prazer preliminar"¹⁵³, no qual está habilitado a obter prazer genuíno daquilo de que se envergonha ou censura.

¹⁵¹ Artigo 10 das "Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise Parte II: o simbolismo no sonho" (EA 1916/2003:136)

¹⁵² NAT: "Fico me perguntando se, antes de o cinema existir, era tão obvio para as pessoas que, quando fechavam os olhos e se lembravam de um acontecimento do passado, parecia-lhes serem quadros em movimento" (Dennett, 1995:50)

¹⁵³ NAT: Termos presentes no artigo "Os chistes e sua relação com o inconsciente" (EA 1905/2004:131)

A infância não é propriamente esse paraíso que os adultos costumam achar. A criança sente o desejo de crescer, pois quer fazer o que os adultos fazem e isso se reflete no brincar sob as mais diversas formas.

Os contos-de-fada funcionam como lembranças encobridoras para as memórias da própria infância em muitos adultos, sendo que, no caso das crianças, eles funcionam como um certo organizador do psiquismo, vividos com intensidade de realidade. A compreensão da importância desses contos populares na obra freudiana permite que se entenda a relevância do simbolismo cultural na constituição psíquica. Elementos que não pertencem ao meio da realidade infantil ganham, entretanto, estatuto de realidade para cumprir uma função, tal como se pode explicar o papel do lobo como um dos elementos causadores de medo, ansiedade ou fobia.

Certas reações que afetam o sujeito diante de uma obra de arte nem sempre são compreensíveis do ponto de vista racional. Pode-se comover com certas impressões artísticas sem, muitas vezes, ter-se a compreensão do porquê dessa afetação.

Em relação aos professores, Freud observa a tendência infantil de transferir-lhes o respeito e a expectativa correspondente a seus próprios pais e a tendência a tratá-los como tais. A ambivalência se mantém presente nessa relação mestre e aluno. Interessante observar que, como o interesse freudiano está centrado mais nos processos inconscientes e emocionais do que nos intelectuais, o que se constata na relação do indivíduo adolescente e adulto diante dos professores geralmente perpassa por uma transferência desta mesma ordem. Não raro, observam-se sentimentos de rejeição, desafio, agressões,

paixões, inibições, inveja, tentativa de destituição da autoridade e do saber entre muitos outros sentimentos que perpassam essa relação e que não são compreendidos por ambos.

Hans e as fantasias infantis

Como é bem sabido, Freud não teve oportunidade ou não se sentiu disponível para analisar crianças. Porém, seu texto clássico sobre a análise de uma fobia infantil com o "Pequeno Hans" (1909) trouxe muitas contribuições ao entendimento da construção das fantasias no psiquismo infantil e sobre estratégias de intervenções clínicas mais precoces. Esse trabalho foi possível por meio dos relatos feitos a Freud pelo pai do jovem menino. Algumas das teorias mais importantes do pensamento freudiano foram alicerçadas a partir desse caso clínico, sendo o tema das fantasias um dos seus principais sustentáculos.

Não se pretende reescrever o caso, mas apontar as contribuições que dizem respeito ao tema das fantasias. O complexo de castração com suas fantasias constituintes foi ganhando maior fundamentação teórica por meio das produções de Hans relatadas por seu pai. Em princípio, Freud mantinha-se atrelado à idéia do pênis como o representante dessa castração, vivenciada fantasisticamente pelo menino. Posteriormente, outros argumentos ampliaram e ressignificaram a idéia do pênis para o falo. Contudo, em nota de rodapé de 1923 (EA 1909/2005:9), Freud já consideraria castração a experiência primitiva do bebê na sua relação com o afastamento do seio materno. Essa separação é vivenciada como privação e perda de uma parte de seu próprio corpo, cujo protótipo se encontra na experiência do nascimento. Contudo, o complexo de castração relacionado ao

temor da perda do pênis era um tema recorrente nas suas análises com adultos e, com isso, não podia ser negligenciado.

No caso específico de Hans, considera-se¹⁵⁴ que havia uma ausência da função simbólica do pai demonstrada por sua excessiva condescendência para com o menino. Tudo tinha que ser demasiadamente conversado e demorado para ser compreendido. As dúvidas de Hans eram as dúvidas do próprio pai. Nesse sentido, a análise feita por intermédio do pai funcionou como a construção do lugar simbólico paterno que Freud ajudou a ser instaurado. A transmissão dessa função passa pelo simbólico do próprio Freud. Nesse sentido a castração passa a ser compreendida posteriormente, não remetida ao pênis, mas à interdição paterna como proteção e limite e era exatamente do que Hans sentia falta.

Contudo Hans apresenta uma fantasia de castração relacionada ao pênis que é muito característica das teorias infantis. Os meninos resistem a acreditar que "um outro" não possui o mesmo que ele. Isso porque a criança ainda não tem conhecimento suficiente para compreender a existência de dois sexos. Até então, só existe um: o dele (ou dela). A compreensão de que os meninos têm medo de perder o que possuem por entenderem que "o outro" possa ter perdido o dele é geralmente vinculada imaginariamente à transgressão das leis dos que cuidam dele. Dessa forma, passam a se proteger e, em muitos casos, negar a existência de uma diferença sexual. Essa constatação pode levar a uma fantasia de negação da mulher ou como um ser completo com pênis e seios. Estas são formas presentes no imaginário adulto que se constituíram na primeira infância.

¹⁵⁴ NAT: consideração do autor da tese.

A intensidade da restrição dos meninos à masturbação infantil e de tocarem em seu próprio pênis forma uma repressão que tem que se basear em alguma fantasia com os conteúdos justificados pelos adultos. Muitas vezes, os significados dessas fantasias se encontram nos resíduos do que foi dito: "vou arrancar e dar para o cachorro", "ele vai cair de tanto você puxar", "tire a mão daí que é muito perigoso"¹⁵⁵.

Outro tema importante sobre as fantasias trata-se da origem dos bebês. Freud já assinalara (1908)¹⁵⁶ essa construção infantil como resultado da tentativa que a criança faz de elaborar uma teoria que explique aquilo que lhe parece incompreensível.

A ansiedade infantil aparece regularmente sem objeto específico, como resultado de uma pulsão erótica recalcada. A criança pode apresentar diferentes comportamentos, tais como recusar-se a se afastar de casa, ficar sozinho e andar na rua mesmo acompanhada, por exemplo. Ela sente, mas não consegue expressar o que sente a não ser por formas de comportamentos interpretados pelos adultos¹⁵⁷. Pode-se dizer que há uma fobia infantil

¹⁵⁵ NAT: O tema da masturbação continua a ser uma preocupação constante para pais e educadores que se vêm confusos e conflitados diante de como reagir frente a este comportamento infantil. Nos cursos, palestras, assessorias a educadores e pais sobre sexualidade infantil, o tema da masturbação é onipresente. As propostas de educação sexual quanto à repressão ao ato de masturbar-se ganha outros contornos menos traumáticos no grau de intensidade, mas continua presente como algo que deve ser mantido privado e em sigilo. Apesar do discurso de que se trata de um prazer comum e universal em todas as crianças, seu efeito educativo denuncia o quanto a repressão à sexualidade é um fator presente na constituição da civilização, o que mais uma vez traduz a contemporaneidade de Freud sobre a sexualidade infantil. Não se trata aqui de discutir a validade moral ou não deste ato, mas sim da condição de interdição como algo que deve ser mantido escondido.

¹⁵⁶ Artigo "*Sobre as teorias sexuais das crianças*".

¹⁵⁷ NAT: História clínica: Joana, de 4 anos, não conseguia sair de casa. Sentia muita angústia quando tinha que atravessar qualquer porta que levasse à rua. Paralisava aterrorizada diante da iminência de ter que dar mais um passo fora de casa. Esse medo afetou toda a família. Observou-se, entretanto, que Joana era impedida, no seu dia a dia, de brincar com objetos que parecessem armas, representassem lutas ou expressassem agressividade, em virtude de valores religiosos familiares. Na primeira consulta, encontra uma espada no consultório e começa a lutar com "bichos" imaginários que se encontravam em todos os cantos da sala. Sua expressão agressiva começa a manifestar-se e, assim também sua capacidade de se defender. A brincadeira a ajuda a construir uma elaboração de potência por meio da fantasia de matar os bichos, incessantemente. Após um mês abandona a espada e quer brincar com outras coisas. Já consegue sair de casa e atravessar a porta imaginariamente intransponível. A possibilidade de expressar-se por meio da fantasia do brincar, permite-lhe contactar sua agressividade e capacidade de defender-se. Esse é um fragmento de um

que é estruturante do psiquismo e que pode ser verificada no desenvolvimento de quase todas as crianças.

Muitas críticas são feitas ao complexo de Édipo. Contudo o trabalho clínico confirma diariamente alguns pontos relevantes dessa dinâmica do psiquismo, dentre eles, a questão fóbica aos quatro, ou cinco anos de idade, e um certo retorno que emerge pelo período dos 8 aos 10 anos de idade, coincidindo com a entrada na puberdade e pré-adolescência. Os psicanalistas que trabalham com a clínica infantil e infanto-juvenil podem testemunhar a grande incidência de fobias em ambos os períodos, e os conteúdos quase sempre estão relacionados ao tema da separação e da incorporação de um pai que possa dar suporte de proteção e continente, por meio de cuidados e limites.

Numa passagem do texto, Freud reconhece na angústia uma característica muito importante e que, na contemporaneidade, vem ganhando maior expressão como o transtorno de ansiedade denominado de síndrome do pânico. Trata-se do fato de que o estado de angústia é capaz de absorver todos os outros sentimentos na medida em que "com o progresso do recalque, e com a passagem ao inconsciente de boa parte das outras idéias que são carregadas de afeto e que foram conscientes, todos os afetos podem ser transformados em angústia" (EA 1909/2005:39). Essa passagem diz respeito à primeira teoria da angústia de Freud, quando afirmava que o recalque é que produzia a angústia.

caso clínico muito mais amplo. Mas, a elaboração de uma parte desse complexo contribui para desfazer uma fobia aterrorizante que supõe-se estar relacionada ao medo de ter medo, de não ser capaz de expressar sua agressividade e, conseqüentemente, de se defender. .

Uma das formas de expressar a ambivalência do menino para com o pai é verificada por Freud por meio de duas angústias que se apresentam na relação edípica com o pai: a primeira é o medo de seu pai em função dos desejos hostis que lhe são dirigidos e a outra acontece em virtude dos sentimentos amorosos e ao medo de uma possível perda do amor do pai..

Novamente, o trabalho clínico revela que essa ambivalência pode permanecer por toda a vida do indivíduo. Contudo se observa que, quanto maior a dúvida sobre o amor paterno, maior ainda será a dificuldade em expressar suas discordâncias e insatisfações para com esse pai. Pode-se constatar, nos dias atuais, uma queixa muito comum das mães ao alegar que os filhos se queixam com elas de que os pais não cumprem o que prometem. Especialmente, em casos de pais separados com visitas "cronometradas" previstas na legislação, prescrita pela sociedade moderna. Nesses casos, é muito comum os filhos não conseguirem se posicionar com suas queixas diante do próprio pai. Os próprios jovens, em sessões de análise, apontam a dificuldade de expressar suas discordâncias mais firmemente diante dos pais. Temem perder seu amor e, em função disso, se submetem aos seus desejos. Pensa-se pois que, quando um filho reage confrontando muitas vezes seus pais com expressões de raiva ou demonstrando a sua , somente é capaz de demonstrar seu ódio, porque tem certeza do seu amor. O amor pode conter o ódio, pode suportar a indiferença e sustentar um lugar que legitima a autoridade.

A idéia de um indivíduo que nasce somente com impulsos amorosos dissociados dos de ódio parece não ter lugar na expressão infantil. Hans alega claramente que preferia que sua irmã estivesse morta, pois, assim, ele não perderia seu lugar de atenção exclusiva.

Esse ciúme entre irmãos é um dos temas mais antigos da civilização e apresenta-se diariamente na clínica infantil, muitas vezes, representando o ódio a um irmão mais novo sendo expresso nas tentativas de infligir sofrimentos, muitas vezes, ferindo e machucando-o. Ainda sobre esses impulsos agressivos, os educadores que trabalham em creches são testemunhas das medidas que as crianças costumam ter em relação a bater, morder, pisar, jogar objetos, empurrar etc. Como Freud afirma ao final de *Totem e Tabu* que, no princípio era o ato, podem-se comprovar esses 'atos' nos primórdios dos vínculos das crianças entre si. O que posteriormente será simbolizado e transformado em disputa verbal, tem sua origem em atos que buscam causar dor. Um dado mais significativo no trabalho em creches aponta o fato de que, em um grande número de vezes, o educador só percebe que uma criança foi mordida por causa de seus gritos. É impressionante mesmo como crianças tão pequenas (1 ano e 1 ano e meio) já percebem o controle e a censura do adulto e aguardam que este desvie sua atenção para que possam agredir ao colega.

Freud (1909) não acreditava que pudesse haver uma pulsão agressiva especial junto das de autopreservação e sexuais de mesma qualidade. Somente em 1920¹⁵⁸ é que passou a aceitar a existência dessa pulsão destrutiva.

Retomando a questão edípica, Hans expressa claramente num determinado momento, que queria ter filhos e gostaria de que sua própria mãe fosse a mãe deles. Seu pai seria o avô e a mãe do pai seria a avó. Como disse Freud, Hans resolveu sua questão edípica ficando com a sua mãe e sugerindo ao pai que ele ficasse com a mãe dele (do pai). Apresenta-se aqui um criativo destino da fantasia.

¹⁵⁸ Artigo "*Além do Princípio do Prazer*".

Esse drama familiar que se expressa pela trama edípica é observável na clínica psicanalítica. Pode-se argumentar que nem todos sintomas e conflitos que um indivíduo apresenta estejam exclusivamente submetidos à dinâmica deste complexo. Outras influências ambientais e experiências traumáticas também contribuem para a constituição do psiquismo, além da fantasia que Freud denomina de primordial e que escapa ao domínio da experiência vivida, pois é anterior a esta.

A imaginação está presente nas crianças em formas não arbitrárias de pensamento, ao contrário do que comumente acreditam os adultos. Ela é provida de sentidos e dúvidas que produzem afetações nas crianças. Não confiar no pensamento infantil, porque se revela como fantasia é equivalente a não confiar nos adultos em função dos seus preconceitos. A criança que pergunta já sabe a resposta, pois o motivo que a inquieta já se apresenta em toda a sua forma. O que ela busca, em geral, é a confirmação. E quando o adulto cria uma ficção ou uma mentira para explicar um fato que lhe cause estranheza, a criança recebe essa informação com uma dose de ceticismo e de descrença naquele que lhe fala. Julga que seu pensar infantil deve ser preservado por ela mesma, na medida em que não encontra uma confirmação ou resposta plausível na linguagem dos adultos.

Em função dessa busca de uma resposta compreensível, observa-se essa permanência do infantil na análise com adultos. A medida certa do que deve ou não ser dito, interpretado ou antecipado a um analisando somente pode ser construída na própria relação, contudo fica a importância de que, em maior ou menor grau, todos necessitam de uma

"representação aguardada"¹⁵⁹ ou uma acolhida interpretativa que possa ajudar a compreender um pouco o seu processo inconsciente. Hans pôde expressar e elaborar suas fantasias por meio daquilo que também lhe era transmitido pelos pais numa tentativa de ajudá-lo a compreender o incompreensível e que irrompia como angústia. O excesso de interpretação por parte do analista é que pode causar uma inibição subjetiva por parte do analisando.

A concepção de que uma fantasia - mesmo as designadas como originárias - que diz respeito a um único conteúdo, é um engano. Cada fantasia engendra outras muitas fantasias que, em um determinado conjunto, podem formar um complexo fantasístico de alguns dos temas originários e outros decorrentes das experiências da criança com seu meio, além daquela enigmática que Freud designa como primordial. Não se dissolve um sintoma revelando uma única fantasia, mas sim um conjunto de associações que vão se constituindo gradualmente no psiquismo humano. Nesse sentido é que a psicanálise não tem uma solução exata para cada sintoma, nem uma resposta imediata para resolver um conflito. Numa condição psíquica constituída por complexos de representações e afetos sob uma forma imaginária e em sua quase totalidade inconsciente, cada elaboração desvenda um novo sentido que encontra novos significados, transformando os sintomas de forma também gradual.

¹⁵⁹ NAT: Tradução do autor da tese. Na SEB encontra-se "assistência" (1909/1996:97) e na EA "representaciones-expectativas" (1909/2005:86)

O Homem dos ratos

O caso clínico aponta uma série de questões sobre a neurose obsessiva que são abordadas no primeiro e terceiro capítulos desta tese. Assim, decidiu-se optar por apontar os argumentos mais pertinentes à questão da constituição do pensamento obsessivo e suas relações com as fantasias, seus vínculos com o infantil e suas manifestações em obsessões e compulsões.

Na origem da sintomatologia, o paciente relata suas impressões infantis diante do fato de suas constantes ereções e das indagações frente à mãe sobre o motivo destas. Era sabedor, em algum nível, de que as ereções tinham algo a ver com outras idéias e indagações que o atormentavam como o desejo de ver nuas algumas moças que o atraíam e, ao mesmo tempo, que deveria evitá-las (as idéias) para que não acontecesse nenhuma desgraça a alguém. Para isso teria de criar mecanismos defensivos em relação a esses desejos. Falar com a mãe sobre as ereções equivalia a uma percepção (uma fantasia ou crença) de que seus pais eram capazes de ler seus pensamentos. E é nesse complexo de idéias e afetos que ele supõe ter iniciado seus sintomas.

A crença infantil de que os pais possam ser capazes de ler seus pensamentos apresenta-se como uma pré-condição universal. E isso parece ser bem provável, pois se inicia muito cedo na capacidade de a mãe em compreender (ou não) as necessidades de seu bebê. Esse diálogo inconsciente constituído de ícones, índices e símbolos primários é um precursor do pensamento que supõe que o outro possa ser capaz de compreendê-lo, quase como uma telepatia, uma comunicação baseada em vínculos primitivos e que podem ser ou não

mantidos durante a infância e o resto da vida. Acredita-se que a crença de que os pais podem ler os pensamentos e reconhecer os desejos não verbalizados é reciprocamente relacionada à capacidade de que a criança possui de também poder ler o que seus pais pensam, mesmo que eles digam outra coisa. Uma comunicação entre inconscientes é primária e passa a ser gradualmente substituída pelos mecanismos pré-conscientes e da consciência, apesar de serem duas formações diferenciadas de um todo maior que é o inconsciente.

A força dessa comunicação inconsciente e da capacidade de que a criança tem de reconhecê-la pode ser exemplificada numa história de um caso clínico de uma mulher que buscou uma analista com a queixa de que sua filha de três anos e meio ainda não falava. Na primeira entrevista, compareceram ambas, mãe e filha. A menina sentou-se numa cadeira e manteve-se calada e atenta à conversa entre a mãe e a terapeuta. A jovem mãe começou a descrever os antecedentes históricos da filha, sua gravidez, parto, enfim, sua história. Afirmava que todo o histórico da menina era excelente, sem problemas de saúde ou de desenvolvimento exceto o fato "de ele" não falar. Nesse momento, a terapeuta interrompe e pergunta à mãe: "de ele quem?" Surpreendentemente a menina responde de forma clara rompendo seu silêncio: "ela está falando 'dele', do meu irmão que morreu." Por um momento, parecia ter-se rompido, com suavidade, uma corrente aprisionante. A mãe olha para a filha completamente surpresa e emocionada. Após alguns instantes nos diz: "ela está falando do meu filho que morreu". E cai em prantos copiosamente, abraça a filha e chora durante longo tempo, profundamente emocionada. O terapeuta acompanha e testemunha silenciosamente a expressão de uma dor muito intensa que era mantida sob controle, um luto que não parecia poder ter se dado pela dimensão da perda. A perda de

um filho por parte de um pai ou uma mãe talvez seja uma das maiores dores de se suportar. E a menina silenciava sobre esse lugar de tamponamento de um irmão morto. Como se sabe, mortos não falam. Naquele momento, a menina rompeu com o silêncio e instaurou seu próprio nascimento. Provavelmente sentiu-se segura e pronta. Ela sabia o que a mãe pensava, mas não podia dizer e se calava. O sintoma da criança não era de fala, mas sim de interdição de falar. A criança dialoga com sua mãe inconscientemente. Nos primórdios da relação mãe/bebê, o que uma sente reflete-se no outro. Trata-se de um pensar constituído num diálogo tônico. E essa forma de pensamento inconsciente pode ser, em maior ou menor grau, mantida presente na vida adulta.

A fantasia como realização de desejo necessita de medidas protetoras, tais como sanções, para que não possam ser realizadas. E, na neurose obsessiva, essas sanções podem tomar um significado aparentemente desconexo, o que faz parecer que o indivíduo quase padeça de um delírio. Encontra-se pois duas formas de fantasias: a que busca realizar o desejo e aquela que se transforma em medida punitiva. Ambas articuladas a um traço de realidade. A primeira diz respeito à satisfação e à obtenção do prazer um dia vivenciado e, a segunda, como medida protetora do desprazer que sustenta em seus conteúdos, resquícios de interdição experienciadas subjetivamente.

As fantasias que os adultos lembram de sua infância remontam a cenas traumáticas nas quais estavam presentes e cujos conteúdos inconscientes encenados podem variar quando versões dessa mesma cena retornam sob transferência. Nesses casos deve-se ressaltar que não se trata de realidades históricas, mas sim de lembranças encobridoras que se encontram deslocadas em lugar de outras mais primitivas, geralmente constituídas de

desejos do próprio indivíduo e, em muitos casos, projetados sobre outros que foram seus objetos de amor. Muitas construções fantasísticas de atentados e seduções surgem como uma resposta para as atividades auto-eróticas e as carícias e punições que as estimularam. Há, entretanto, que se considerar que possam também haver fantasias de conteúdo sexual que se constituíram por experiências traumáticas agressivas do ambiente sobre a criança, tais como o abuso sexual e os maus tratos no cuidado infantil.

A fantasia, o artista e a introversão

Seguindo o rastro do artista em conseguir driblar a realidade sem perder o sentimento de satisfação, Freud (1916)¹⁶⁰ vai descrever uma introversão como um caminho regressivo que o indivíduo encontra ao se deparar com os impedimentos ao seu prazer; como um produto concebido sob uma perspectiva dinâmica da libido, na qual a fuga da realidade busca retornar ao ponto de fixação inconsciente, inscrito pelo prazer e revestido pela fantasia. Porém a vida de fantasia é compartilhada pelo artista ou por outros membros da humanidade como algo que se tem em comum, pois se trata de uma material primitivo constituinte do psiquismo dos indivíduos. O artista possui uma licenciosidade para expressá-la de acordo com normas sociais implícitas, em virtude de que o efeito da arte é passível de produzir satisfação nos outros indivíduos, quando se deparam com o mesmo conteúdo presente em seu inconsciente e que não tem acesso à representação. A repressão impele essas fantasias dos indivíduos para o campo dos devaneios, em que podem encenar suas experiências de satisfação e seus desejos, ao contrário do artista que tem a possibilidade de instaurá-las na realidade da obra de arte.

¹⁶⁰ Artigo da "Conferência XXIII, O caminho da formação dos sintomas" (EA 1916/2005).

A fantasia, o brincar e o para além do princípio do prazer

A preocupação de Freud com a repetição continua a ser um dos focos de suas indagações sobre a resistência que persiste em certos sintomas, especialmente pelas suas características de retornarem constantemente e serem de difícil elaboração. Em seu artigo de 1914¹⁶¹, já demonstrava que aquilo que não podia ser lembrado era atuado ou repetido em atos. E em complementação ao que foi anteriormente descrito sobre a introversão, o artista e o princípio do prazer, novas considerações se fazem necessárias.

O fenômeno da repetição se apresentava cada vez mais presente diante de sua clínica principalmente por manifestar-se por um conteúdo bastante resistente a mudanças e uma certa tendência dos indivíduos a se gratificarem com seus sintomas.

Visto sob a ótica do brincar infantil, uma certa repetição já se anunciara diante do prazer que elas demonstram diante dos jogos, das histórias que lhe são contadas e, mais contemporaneamente de filmes e músicas que tendem a repetir uma experiência de prazer que parece conter os elementos propícios às fantasias que sustentam uma experiência de satisfação; mesmo que dentre esses elementos se constatem enredos que possam causar sentimentos de desprazer, tais como medo, tristeza e raiva, por exemplo. Contudo esses elementos já discutidos nesse segundo capítulo e aqui retomados são manifestações que podem ser entendidas como estando a serviço do princípio do prazer. A diferença entre o

¹⁶¹ Artigo "*Recordar, repetir e reelaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise, II)*" (1914)

processo do brincar e a encenação artística dos adultos é basicamente ser esta última uma manifestação que se dirige a um espectador produzindo neste último a possibilidade de experimentar situações dolorosas sob uma forma prazerosa. Ambas se encontram sob o domínio do princípio do prazer.

Há contudo uma outra classe de jogos e brincadeiras que apontam para uma nova forma de repetição ao qual Freud (1920)¹⁶² denominará de compulsão à repetição. Contudo, antes de descrevê-lo, torna-se necessário esclarecer alguns pontos que contribuíram para esse novo olhar.

Diante das dificuldades relatadas, a tão presente hegemonia do princípio do prazer passa a ser questionada e Freud tem de reconhecer a existência de outras forças no psiquismo que se contrapõem à tendência exclusiva ao prazer. Ao introduzir a noção do princípio de realidade criou-se um mecanismo compensatório que visa, como um substituto, à obtenção do prazer por outras vias, incluindo uma tolerância provisória ao desprazer.

Observa-se, entretanto, que a direção das pulsões sexuais se encaminha sempre para a obtenção de prazer. Durante o processo de desenvolvimento, certas pulsões inatas, buscando sua satisfação, têm de ser submetidas ao recalque, em virtude das contingências que afetam os indivíduos diante das exigências e pressões do meio. Do ponto de vista econômico, as pulsões recalçadas, que insistem na busca do prazer, acabam por produzir um desprazer gerando muitas vezes uma perturbação no equilíbrio do Eu que delas tenta se proteger. A busca do prazer gera um desprazer de ordem neurótica.

¹⁶² Artigo "*Além do princípio do prazer*".

O desprazer pode vir tanto de dentro do psiquismo (pela pressão das pulsões insatisfeitas) quanto do mundo externo e é captado pela percepção. Essa perspectiva abala a convicção de um domínio do princípio do prazer sobre o psiquismo, na medida em que o desprazer denuncia forças internas que, ao prazer, se opõem. Se, com a introdução do princípio de realidade que não descarta o produto final de obtenção de prazer, não se obteve uma resposta coerente, resta encontrar o que possa constituir-se como uma fonte originária de desprazer.

O psiquismo, diante da percepção da pressão interna de desprazer ou da presença de uma ameaça do mundo externo desencadeia uma reação de alarme ao que possa ser reconhecido como um perigo. O perigo percebido pode se manifestar sob três formas: o medo, o receio e o susto. Todos podem ser expressões de ansiedade ou angústia, mas merecem ser discriminados para efeito de compreensão dos mecanismos que produzem os sintomas. O medo (*Angst*) é o estado de expectativa e preparação para o perigo, mesmo que seja desconhecido; o receio (*Furcht*) requer a percepção do perigo que causa um objeto do qual se tem medo (*Angst*) e o susto (*Schreck*) é o estado sentido, quando se é surpreendido por um perigo. Essas distinções contribuem, para que Freud aprofunde a reflexão sobre as dificuldades encontradas na clínica em relação às neuroses traumáticas e, em especial, às de guerra, motivo de tantas inquietações no meio psiquiátrico e psicanalítico durante aquela ocasião, após a primeira guerra mundial.

Durante a análise desses indivíduos, observa-se a intensidade que a força do trauma possui ao irromper em seus sonhos e remetendo-os ao evento originário do acidente. Essa

expressão onírica inconsciente colabora para a compreensão de que há algo no sonho que escapa a, até então, inabalável convicção da função de realização de desejo. Diante disso, reconhece que as experiências verdadeiramente traumáticas, passando a incluir as da infância, tendem a uma compulsão à repetição por não conseguirem ser dominadas pelo princípio do prazer. Considera a hipótese de haver uma força anterior à instauração e ao domínio do princípio do prazer e passa a situá-la como uma expressão pulsional que se situa para além do princípio do prazer.

No desenvolvimento infantil, pode-se articular qual a dimensão do jogo de forças que é possível ser estabelecido entre as pulsões produzidas por um psiquismo que ainda não possui um escudo protetor para poder estabelecer um controle sobre estas, além das pressões quantitativa e qualitativamente diferentes que chegam do mundo exterior. Nesse sentido, há inscrições em todos os indivíduos que são da ordem do traumático. Os traços mnêmicos das experiências vinculadas à sexualidade em seus diferentes períodos da ontogênese deixam marcas, em sua quase totalidade inconscientes, que submetidas a fixações, mantêm-se presentes no funcionamento psíquico da vida adulta. O indivíduo vê repetir-se em sua vida amorosa, profissional, familiar e sexual, entre outras, situações fatalistas que são compreendidas como um produto do destino. Freud denomina de "eterno retorno do mesmo" (OP 1920/2006:147) a esse fenômeno que o indivíduo pode vivenciar de forma ativa, na condição de agente da atitude, ou passiva, quando a fatalidade se repete como uma expressão externa na qual ele se encontra submetido, sendo que este último é apreendido como mais enigmático.

Estabelecendo uma analogia entre as neuroses traumáticas de guerra com a constituição do psiquismo infantil, Freud observa que, em ambas, ocorre um excesso pulsional que, no primeiro caso, atravessa o escudo protetor do Eu e, no segundo, interage com um psiquismo ainda desprotegido de suas defesas egóicas. Trata-se, pois, de uma questão de ordem pulsional e econômica.

O brincar infantil traz consigo um desses elementos tão significativos que representam essa compulsão à repetição vinculada às forças de amor e ódio, de Eros e de destruição. Sua descrição clássica é exemplificada pelo jogo do *Fort-da*¹⁶³. Observando as brincadeiras de seu neto, Freud se depara com uma ação lúdica que lhe chama a atenção por seu caráter repetitivo. O menino brinca com um carretel preso a um barbante que é jogado por cima de um cômodo e desaparece de seu campo de visão. Logo após, puxa de volta para perto de si. Esse gesto é repetido incessantemente. Concomitante a essa atividade, destaca-se o fato de esse menino nunca chorar quando sua mãe se afastava dele, o que é considerado fundamental para a interpretação da brincadeira. Segue-se na descrição da brincadeira o vínculo do ato de puxar o objeto com a expressão de alegria "*da*", enquanto que, ao lançar, mantinha uma aparência de prazer no ato realizado.

O conjunto das observações sobre a brincadeira, leva Freud a concluir que pelo processo simbólico do brincar realizava-se uma manifestação de renúncia pulsional por permitir que a mãe dele se afastasse sem que expressasse qualquer demonstração de desgosto. O ato de jogar o objeto representava a atitude hostil diante dessa separação e

¹⁶³ NAT: *Fort*, "foi-se"; Alt.: "desapareceu", "foi embora". *Da*, "aí"; Alt.: "está presente", "está aí", "está aqui". (HANNIS, 2006:185)

o puxar correspondia ao retorno da mãe. O jogo encena um ato de tornar ativa uma situação que foi vivida passivamente, como forma de apoderar-se do sentimento, repetindo uma vivência desagradável como forma de obter um ganho de prazer. Certas experiências dolorosas vividas por crianças comumente se repetem nas brincadeiras como forma de dominar o que lhe causou sofrimento provocando, por meio do jogo simbólico, a repetição da cena. A condição em que o indivíduo se coloca na cena já indica uma certa tendência a situá-lo diante deste trauma. A criança pode agir num contexto ativo expressando um sadismo que se dirige a outro ou pode ocupar o lugar do qual sofreu a dor como repetindo o mesmo lugar passivo que um dia experimentou. Pode estar em ambos os lugares ou até mesmo fora da cena, no lugar de observador ou diretor da brincadeira. Contudo essa brincadeira infantil encontra-se dentro do campo dominado pelo princípio do prazer, mesmo que se constitua no âmbito de uma forma particular de compulsão a repetição.

Logo, indaga-se sobre qual é a força que compele a uma determinada forma de repetição e que antecede ao domínio do princípio do prazer ? Retomando a relação entre a neurose traumática e a ruptura do escudo protetor, Freud descreve que um indivíduo despreparado para receber uma violenta pressão externa encontra-se numa situação de susto (*Schreck*) e desprovido de prontidão para o perigo. Nesses casos, o trauma ganha uma dimensão de choque psíquico caracterizado por uma ausência de prontidão para o medo. Os indivíduos necessitam de estar preparados para enfrentar o medo como forma de se defenderem do perigo e de um possível trauma. Os sonhos da neurose traumática e dos traumas psíquicos da infância rompem com a proteção erigida pelo princípio do

prazer e irrompem como repetições da experiência original na condição de representantes dessa nova força pulsional.

Brincadeiras, traumas infantis, neuroses de guerra, repetições, compulsões à repetição, princípio do prazer, da realidade e pulsões sexuais e desconhecidas vão se aglutinando num conjunto de dados complexos e, muitas vezes, contraditórios.

As pulsões se apresentam como representantes de "todas as ações das forças que brotam no interior do corpo e que são transmitidas para o aparelho psíquico. Entretanto, as pulsões são o mais importante e também o mais obscuro objeto da investigação psicológica" (FREUD, OP 1920/2006:158). E, é a partir das pulsões em sua dimensão econômica, que Freud começa a formatar esse quebra-cabeça. Retoma, inicialmente, a noção do processo psíquico "primário" com sua dimensão inconsciente, e o "secundário" que é o que se encontra presente na vida de vigília. O primário é caracterizado pelo livre fluxo das cargas de investimento, e o secundário pela capacidade de enlaçar, atar e modificar essa excitação das pulsões. Se o processo secundário fracassa na missão de enlaçar essas pulsões cria-se uma perturbação equivalente a um trauma. No caso de cumprir a missão de processar a excitação é estabelecido o domínio do princípio do prazer (e da realidade).

Partindo dessa primeira premissa, compreende-se a compulsão à repetição típica das brincadeiras infantis como uma vivência fundamental e necessária para a constituição do princípio do prazer. Por meio do brincar, a criança insiste em retornar ao controle ativo da situação passiva como um apoderamento pela via do prazer o que foi vivenciado

como desprazer. Uma alteração nos mecanismos que participam do jogo, da brincadeira ou das estórias infantis provoca uma resistência equivalente a uma produção de desprazer. Na repetição, a criança confirma, por meio do idêntico, sua ação no mundo. Trata-se da construção de seu Eu que está posta no tabuleiro da vida. E essa capacidade de transformar o desprazeroso em prazeroso é possível mediante a poderosa força que a impele a criar um meio de reconhecer-se como sujeito. O Eu é uma criação universal e singular, como resposta possível ao conjunto de forças que afetam a infância.

No caso de adultos que, resistentes, apresentam uma compulsão à repetição em análise (e na vida), pode-se compreendê-la como uma fixação ao modelo primário infantil, não passando pela elaboração secundária, ou seja, não tendo acesso a se inserir no princípio do prazer. Nesse sentido, pode-se pensar a pulsão como uma força que tende a restabelecer um estado anterior, no qual o indivíduo se viu protegido das forças externas que o perturbaram. Com essa nova concepção, passa-se a reconhecer uma nova função pulsional como "manifestação da natureza conservadora do ser vivo" (ibid:160). Como uma herança filogenética, as pulsões cumprem o objetivo de um retorno ao inanimado, que já existia antes do vivo. Essa nova característica pulsional é denominada de pulsão de morte. Sua manifestação em cada indivíduo pode ser observada pela tendência a "reduzir, manter constante e suspender a tensão interna provocada por estímulos"(ibid: 176).

O jogo de forças pulsionais parece tornar-se mais complexo ao reconhecer que as pulsões basicamente se reúnem em dois grandes grupos: as de vida (Eros) e as de morte. As de Eros visam a todo custo a obtenção do prazer e insistem em suas pressões

internas, perturbando a tranqüilidade do Eu¹⁶⁴. Eros é o produtor da desorganização pelo excesso de excitação que busca incessantemente um alívio que vise ao prazer. Por esse prisma, o princípio do prazer parece estar a serviço da pulsão de morte.¹⁶⁵

Com a elaboração posterior das instâncias psíquicas Id, Eu e Supereu (1923)¹⁶⁶, Freud contribui um pouco mais para compreender esses conflitos que são abrigados em nosso psiquismo. Seguindo o rumo das investigações sobre os processos primários e secundários e das forças pulsionais, descreve o Id como a instância originária da qual se originam as pulsões¹⁶⁷. O Eu se constitui como uma diferenciação do id em função da influência do mundo externo e ocupando um papel de mediador entre ambos: Id e mundo externo. Como já foi descrito, o Eu é o responsável por tentar transformar o princípio de realidade do princípio do prazer. O Eu, concebido em sua dimensão espacial como uma superfície, é um eu-corporal, de onde partem percepções internas e externas.

Além dessa mediação entre o Id e o mundo externo, o Eu tem de aprender a conviver com uma outra forma de Eu, chamada de Supereu¹⁶⁸. Este último é o produto da

¹⁶⁴ NAT: A que propósito corresponderia um Eu que não fosse perturbado ?

¹⁶⁵ NAT: Freud escreve sobre essas hipóteses que: "poderiam me perguntar se, e em que medida, eu mesmo estou convencido das hipóteses desenvolvidas aqui. Minha resposta seria a de que nem estou convencido, nem peço aos outros que acreditem nelas. Para ser mais exato, eu diria que não sei até que ponto acredito nelas...penso que é perfeitamente lícito que o ser humano persiga o fio da meada de alguma hipótese até onde quer que seja, ou por simples curiosidade científica, ou no papel de *advocatus diaboli*, que nem por isso vendeu a alma ao diabo"(OP 1920/2006:178).

¹⁶⁶ *O Eueold* (FREUD, OP 1923/2007).

¹⁶⁷ NAT: No apêndice II ao texto *O Eu e o Id*, Ernest Jones assinala as contradições nos textos freudianos sobre qual instância seria, propriamente dita, o reservatório da libido: o Id ou o Eu. (OP 2007: 68/71).

¹⁶⁸ NAT: Luis Hanns assinala que o termo mais correto para a tradução de "*Uber-Ich*" para a língua portuguesa é Supra-eu, pois, sua conotação refere-se a uma instância que se instaura após, acima ou como observadora do Eu. Sua crítica ao termo Supereu é em função de erroneamente parecer que este é um ego muito poderoso (OP 2007:25).

consciência moral e herdeiro do complexo de Édipo. Com sua entrada em cena, o Eu passa a ter de mediar as forças provenientes do Id, do Supereu e do mundo externo.

As pulsões de vida e de morte ganham o estatuto de construção e destruição, respectivamente, podendo constituir-se de formas completamente diferentes na vida dos indivíduos, ou seja, podem se apresentar sob as mais diversas formas de fusão e defusão. Em outras palavras, o componente destrutivo pode juntar-se ao construtivo e se encaminharem para sublimações infinitas. Por outro lado, podem também aparecer defusionados com a pulsão agressiva voltada para a destruição e a violência. Aliás, Freud deixaria bem claro até o fim de sua obra que a pulsão tornara-se um conceito muito impreciso e o de mais difícil compreensão para a psicanálise.

O Supereu como um representante do pai busca submeter o Eu a todas as suas imposições, muitas delas bastante cruéis, dependendo da história de cada indivíduo. Na melancolia, o Eu assume a ira do supereu por identificação e se submete às punições. Na neurose obsessiva, o Eu tenta afastar o sentimento de culpa pela via das formações reativas, e na histeria, o Eu recalca o sentimento de culpa. No terceiro capítulo, há uma abordagem sobre o masoquismo e suas fantasias que podem complementar o estudo dessa entrada no psiquismo da representação paterna.

No Id as pulsões de morte buscam manter aquela tendência ao estado de repouso que se mantém ameaçado constantemente por Eros. Todas essas hipóteses sobre a constituição do psiquismo não podem ser pensadas excluindo o papel que o imaginário e as fantasias desempenham para sua contextualização. A fantasia, sobre todos os aspectos, protege o

indivíduo do real interno e externo. As vivências das crianças mantêm-se presente, no infantil do adulto.

Diante de tanta destrutividade e crueldade produzida pelos homens em toda a história da humanidade e presente até nossos dias, Freud vai firmar cada vez mais a idéia da presença da coexistência das pulsões de vida e de morte produzindo aquilo que, do ponto de vista social, viria a chamar de o mal estar da civilização.

Ao final da vida, escrevendo sobre as pulsões (EA 1940[1938] 2004:148)¹⁶⁹, Freud antecipa uma preocupação bastante presente nos dias atuais, relacionada com o meio ambiente e a sobrevivência humana. Citando a força da pulsão destrutiva afirma que, em casos extremos, seu efeito pode ser mortal. Se dirigida cruelmente contra o próprio indivíduo, pode levá-lo à morte, mas mesmo sob formas mais brandas acredita que, de maneira geral, todos morrem em virtude de seus conflitos internos. Considerando a relação da espécie humana com o mundo externo, destaca ser possível suspeitar que aquela também poderá atestar seu próprio óbito, caso não seja capaz de adaptar-se às mudanças provenientes deste último. E sua morte será o resultado de sua luta mal sucedida.

¹⁶⁹Artigo do "*Capítulo II do Esboço de Psicanálise*"(1940 [1938]).

3 FANTASIA , SUA RELAÇÃO COM O AMBIENTE E COM A TRANSMISSÃO GERACIONAL

"O incesto é anti-social - a civilização consiste nessa renúncia progressiva"¹⁷⁰

O enigma da transmissão geracional e do papel que o ambiente desempenha na constituição do psiquismo, por meio da fantasia, introduz um dos temas mais discutidos não somente na psicanálise, mas também no vasto campo do conhecimento humano.

Em toda a obra freudiana, encontram-se referências às tentativas de explicar como se dá a questão da origem do psiquismo, sua relação com os sintomas e com o processo criativo, entre outros. O tema da fantasia primordial nunca esteve ausente das formulações sobre o inconsciente e a consciência. A presença da idéia de como uma geração é capaz de transmitir certos sentimentos e interdições para outra geração foi uma busca incessante até o fim de sua obra. Há passagens bem representativas dessas indagações. Neste terceiro capítulo, buscou-se selecionar as investidas de Freud na tentativa de elaborar as questões que estabelecem relações com o ambiente e o mito na constituição do psiquismo e, em especial, das fantasias primitivas e da fantasia primordial.

¹⁷⁰ Freud em sua Correspondência para Fliess, Rascunho N de 31 de maio de 1897. (1986:253)

Refletindo sobre o ambiente e a sexualidade: Moral sexual "cultural" e doença nervosa moderna

O texto de 1908¹⁷¹ inaugura uma série de reflexões sociais, especialmente, no sentido de contrapor a moral sexual civilizada à vida sexual das pessoas em suas respectivas comunidades.

Trata-se de um texto bastante atual, na medida em que Freud analisa uma série de autores que estudam o impacto causado pela e na sociedade modificada pelos avanços da tecnologia, dos meios de comunicação, de transporte, da agricultura, do comércio e da indústria etc. Baseado principalmente em W. Erb¹⁷² (EA 2003:164-5) aponta a influência dessas transformações na relação dos indivíduos consigo mesmo e com o seu meio ambiente.

Freud não nega que essas causas possam oportunizar maior grau de neuroses e de doenças nervosas. Se este texto fosse remetido aos dias contemporâneos, excluindo as datações, pareceria ter sido escrito para a sociedade atual, com alterações em seus ritmos de sono, de trabalho, a falta de tempo, de recreação e de lazer, a busca de maiores e mais intensos estímulos, a superexcitação visual e auditiva a que estamos submetidos, entre outros fatores. Tudo isso, como para muitos autores contemporâneos, são as causas de

¹⁷¹ Artigo "*Moral sexual "civilizada e doença nervosa moderna "*

¹⁷² NAT: A única referência a esse autor é que se encontra na *Bibliografia e índice de autores* do volume IX (EA:232): Erb, W. (1893) *Über die wachsende Nervosität unserer Zeit*, Heidelberg.

uma maior incidência dos chamados transtornos do déficit de atenção, das depressões, das síndromes do pânico, dos transtornos alimentares etc.

Freud, supõe-se, diria que sim, mas que estas causas seriam insuficientes para explicar o porquê desse processo, como haveria dito em 1908, sobre os avanços da sociedade cada vez mais industrializada e com maiores recursos tecnológicos, dentre eles, os meios de transporte e comunicação. Por exemplo, comparar o tempo de informação de uma carta com um telefone ou telégrafo, como apontou Freud, significa um impacto radical na dinâmica social das pessoas, especialmente em relação à administração do tempo. Hoje, o que poderíamos dizer em relação à Internet e a comunicação via satélite. Para um jovem deste século XXI, uma carta escrita à mão parece ser um instrumento quase pré-histórico.

Freud reconhece esses sintomas como resultantes das exigências da civilização e as constituições das pessoas gerando as doenças nervosas modernas (que seria o equivalente, nos dias atuais, as chamadas doenças contemporâneas). Contudo, insatisfeito com essas explicações sociais, Freud diria que a etiologia dessas doenças, ou desses sintomas, estaria nos esforços do indivíduo moderno (contemporâneo) em submeter sua sexualidade a mecanismos regulatórios, cada vez mais sofisticados, e que se apresentam nas formas vistas no parágrafo anterior.

Universalizando a temática da cultura, afirma que esta se edifica sobre o recalque das pulsões. Por meio da sublimação é possível substituir uma meta sexual originária por outra, não sexual, sem perder sua intensidade. Contudo, nem toda essa força pulsional é passível de sublimação, alternando em intensidade, de indivíduo para indivíduo. Uma

parcela dessa força deve encontrar saída como meta sexual, propriamente dita, visando ao prazer e a um funcionamento satisfatório do psiquismo¹⁷³. Caso contrário, estaremos diante de fenômenos subjetivos, variáveis de indivíduo para indivíduo, produzindo sintomas. O comportamento sexual individual constitui-se freqüentemente como protótipo de suas relações com a vida e de todos seus outros modos de reação no mundo.

Nas fantasias que acompanham a satisfação, o objeto sexual é de tal forma idealizado em sua perfeição que dificilmente será encontrado na realidade.

Considera-se esse texto uma reflexão de Freud para a importância que o ambiente físico e social podem desempenhar na constituição psíquica dos indivíduos, mesmo que essas condições sócio-históricas se apresentem como sobredeterminadas em relação à sexualidade. Nessa perspectiva, acredita-se que uma teoria como a de Donald Winnicott encontra bases para apresentar o papel fundamental que o meio pode representar na constituição dos indivíduos, para além da sua dimensão sexual.

Transmissão e fantasia

A questão da transmissão é um dos pontos mais importantes da psicanálise gerando muitas dúvidas sobre as formas como se produzem esses processos geracionais. Ainda hoje, a ciência luta para compreender a origem de uma série de sintomas e, como já foi

¹⁷³ NAT: o que já foi citado anteriormente nesta tese.

dito nessa tese, com os mais diversos instrumentos que a engenharia genética e a tecnologia de informação buscam decifrar.

Ao relacionar as lembranças da infância como um produto de experiências infantis e conteúdos que se superpõem ao longo da história do indivíduo, transformando em fantasias ou lembranças encobridoras essas primitivas cenas, Freud estabelece uma analogia com a filogênese, ou seja, como na tradição das memórias primitivas dos povos esses processos se equivalem.

Os povos da antiguidade, assim como as crianças, não se preocupam em escrever suas histórias. Em seu início, a vida era vivida e não historicizada. A luta pela sobrevivência dos primitivos e o não surgimento da escrita tornavam suas vidas experiências que se transformavam com o decorrer do tempo. Freud chega mesmo a dizer que "foi uma época de heróis e não de historiadores"¹⁷⁴ (EA.2005:78). As lendas ajudam a compreender a história de um povo, assim como as lembranças da infância ajudam a tentar decifrar a experiência infantil. Entretanto, ambas são atingidas pelas barreiras do deslocamento e do esquecimento das situações desprazerosas; processos que tanto servem ao indivíduo, quanto à história de um povo. Sua forma mais característica se aproxima da fórmula da fantasia: uma parte de conteúdo vivenciado pela experiência de sexualidade e outros resíduos mnêmicos e uma outra composta pelas significações que vão sendo construídas ao longo do caminho.

¹⁷⁴ Artigo "*Uma Lembrança Infantil de Leonardo da Vinci*" (1910).

Na interpretação da fantasia de Leonardo da Vinci¹⁷⁵, Freud objetivava atingir o objetivo real da fantasia do milhafre que aparece no quadro. Contudo, parece-nos que a interpretação também é uma fantasia de Freud sobre a história contada por alguém, num tempo posterior, sobre Leonardo. A tentativa de separar os traços mnêmicos primitivos e reais dos conteúdos e forças posteriores que modificam e distorcem aquilo a que ele mesmo considera como fantasia, transforma-se numa hipótese, uma elaboração imaginária, enfim, pose-se dizer quase um conto sobre Leonardo. A História é uma história sobre a história, poder-se-ia dizer.

Freud busca no simbolismo da mitologia compreender as bases imaginárias sobre as quais se fundam o imaginário da civilização. A androginia nos deuses egípcios e gregos é interpretada como a combinação do masculino e do feminino e expressam simbolicamente a força e a perfeição divinas. No processo de desenvolvimento infantil, a criança vivencia um período de indiferenciação, quando ainda não compreende a diferença sexual.

O menino, ao descobrir seu pênis, julga que todos sejam iguais a ele. Alguns resistem a aceitar que outros, no caso as mulheres, não o possuam. Uma das fantasias criadas é a da fantasia da mulher com pênis, presente também na deusa-mãe egípcia Mut que combinava seios com pênis. A fantasia da completude.

Compreender a pré-história da civilização é considerado por Freud um fator de extrema importância para perceber como a história da sexualidade na civilização passou do

¹⁷⁵ Artigo " *Uma Lembrança Infantil de Leonardo da Vinci*" (1910).

orgulho e adoração aos genitais por tudo o que representam para a vida humana, para um recalque, uma atitude de desprezo. E essa é uma das razões pelas quais há uma resistência em aceitar a sexualidade infantil. Pode-se deduzir, que nos cultos secretos para iniciados, ainda se preserva a força dessas pulsões mais primitivas, totalmente reprimidas pela religião oficial, o que vem a ser observado claramente nos dias atuais, tanto pela atitude dos cristãos católicos e protestantes, e dos fundamentalistas muçulmanos, entre outros, em relação a dirigir condutas que restrinjam a atividade sexual dos humanos.

Retornando a Leonardo, Freud acredita que a arte triunfou sobre a infelicidade da infância do artista. Como uma suplência da função paterna, sua arte cumpriu a função de ampará-lo diante da vida. Não somente a arte produzida é produto da **criação**, como o desenvolvimento da capacidade de poder criar. Esse sim, é um elemento vital para compreender a construção de um sentido para a vida. Em especial, para a própria conduta analítica: contribuir na descoberta e no desenvolvimento do potencial criativo como forma de fluxo da pulsão. Essa última dedução não está escrita por Freud, mas pode-se interpretá-la como tal.

Retomando o vínculo entre a ontogênese e a filogênese¹⁷⁶, parece-nos surgir à primeira suposição da importância da autoridade paterna como imperativo para a constituição de

¹⁷⁶ NAT: Em sua origem, os termos ontogenia e filogenia (instituídos por Haeckel) remetem ao conceito de evolução em Darwin produzindo a idéia de desenvolvimento, passando a distinguir-se por meio de: "Esses dois ramos da história orgânica do desenvolvimento - ontogenia, ou a história do indivíduo, e filogenia, ou a história da tribo - mantêm-se em estreita conexão causal, e um não pode ser compreendido sem o outro" (Haeckel (1876[1868] apud RITVO, L.B.(1990/1992:31).

um povo e de um indivíduo. Em sua falta, ocorre um desmoronamento, uma perda de sentido. Seria pois o pai quem daria o sentido a vida ?¹⁷⁷

Estudando também o papel das deusas-mães nos povos orientais, Freud¹⁷⁸ (1913) descreve a ambivalência de seus papéis tanto de criadoras, quanto de destruidoras representando a vida e a morte. Com esse olhar para o simbolismo, acredita que essa substituição pelo oposto deve-se a um retorno muito primitivo.

Sobre a questão darwiniana: a ontogênese e a filogênese

O enigma da transmissão de constituintes psíquicos sempre foi uma das grandes questões da humanidade e de muitos cientistas. Os processos, pelos quais é possível transmitir conhecimentos e comportamentos, foram e continuam sendo objetos de estudos da maior relevância para a ciência como, mais presentemente, a importância do projeto genoma¹⁷⁹ na tentativa de desvendar os enigmas da constituição do humano e da sua relação com outros animais, por meio da decifração do código genético.

Contudo, há algo que se coloca para além dessa transmissão que ocorre nos cromossomos, que é genética no sentido de gênese (origem), mas não de uma redução a aspectos de ordem fisiológica pura e simples. O Gênesis da bíblia que funda o criacionismo despe de qualquer conteúdo biológico a origem da vida e vem se opor ao

¹⁷⁷ NAT: Frase do autor da tese.

¹⁷⁸ Artigo "*O tema dos três escrínios*" (SEB 1913/1969) ou "*El motivo de la elección del cofre*" (EA 1913/2005)

¹⁷⁹ NAT: "Há também problemas com a evolução de genomas. Se é a adaptação que reina, por que será que mais de 90% do material genético de nossos organismos não codifica nada ? O que acontece dentro dos sistemas genéticos? Há tanta coisa que não sabemos!"(Stephen Jay Gould in KAYSER,W. 1995:117)